



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA MULHER**

**MARIA JOSÉ CASTRO DIÓGENES**

**VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES UNIVERSITÁRIAS: PREVALÊNCIA E  
FATORES ASSOCIADOS**

TERESINA  
2020

MARIA JOSÉ CASTRO DIÓGENES

**VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES UNIVERSITÁRIAS: PREVALÊNCIA E  
FATORES ASSOCIADOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Mestre em Saúde da mulher do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas

Área de Concentração: Saúde da Mulher

Linha de Pesquisa: Assistência Integral à Saúde da Mulher

TERESINA  
2020

Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do CCS  
Serviço de Processamento Técnico

D591v Diógenes, Maria José Castro.  
Violência contra mulheres universitárias : prevalência e fatores associados / Maria José Castro Diógenes. -- Teresina, 2020.  
70 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas.  
Bibliografia

1 Violência contra a mulher. 2. Violência por parceiro íntimo. 3. Universidade. 4. Estudantes. 5. Estudo transversal. I. Mascarenhas, Márcio Dênis Medeiros. II. Título.

CDD 362.88

MARIA JOSÉ CASTRO DIÓGENES

**VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES UNIVERSITÁRIAS: PREVALÊNCIA E  
FATORES ASSOCIADOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Mestre em Saúde da mulher do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Piauí.

**BANCA EXAMINADORA**

*Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas*

---

Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas – Presidente/Orientador  
Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher  
Universidade Federal do Piauí

*Francilene Vieira da Silva Freitas*

---

Profa. Dra. Francilene Vieira da Silva Freitas – Membro externo  
Universidade Estadual do Maranhão –UEMA  
1ª Examinadora

*Malvina Thais P. Rodrigues*

---

Profa. Dra. Malvina Thais Pacheco Rodrigues – Membro interno  
Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher  
Universidade Federal do Piauí  
2ª Examinadora

---

Profa. Dra. Lis Cardoso Marinho Medeiros - Suplente  
Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher  
Universidade Federal do Piauí  
3ª Examinadora

Teresina-PI, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

À minha mãe, Rosa Maria, por ter abdicado de sua vida em prol dos meus estudos.

À minha tia Marinete pelo apoio financeiro e incentivo aos estudos em minha trajetória estudantil. Suas “brigas” para estudar foram válidas e fundamentais para que eu continuasse estudando.

Ao meu marido Teodório, pelo apoio incondicional, companheirismo e paciência.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado incluiu inúmeros desafios, tristezas, incertezas e alegrias, mas passar por esta etapa da minha vida só foi possível devido o apoio de várias pessoas, a quem dedico a realização deste sonho.

A Deus, por me conceder saúde e sabedoria para seguir em frente, e pelas bênçãos realizadas em minha vida, permitindo a realização de tantos sonhos nesta vida. Obrigada, por me permitir errar, aprender e crescer com os erros.

Às estudantes do *Campus* Professora Cinobelina Elvas (CPCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que participaram desta pesquisa pela confiança e disponibilidade em responderam questionário de pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas, pelo exemplo de professor e orientador, por toda a paciência de me tranquilizar nos momentos de maior angústia, por sua competência teórica e seus ricos ensinamentos durante toda a dissertação. Minha eterna gratidão!

À UFPI, sem dúvida, minha segunda casa, onde tive a oportunidade de fazer a graduação em Serviço Social, posteriormente o curso de especialização em Gestão em Saúde e agora finalizando o mestrado. Nesta instituição, também, sou servidora do CPCE. Fazer parte da história da UFPI é motivo de imenso orgulho e satisfação.

Ao meu marido, Teodório Rogerio Junior, por ser o meu maior incentivador, pela paciência e compreensão nos momentos de cansaço, pelo amor compartilhado, pelo cuidado, por apoiar meus sonhos e a ajudar a realizá-los. Enfim, pela sua presença na minha vida.

Aos meus pais (Rosa Maria e Antônio Airton), em especial a minha mãe, por ter investido e acreditado sempre na minha educação, aos meus irmãos (Roberto e Larissa), minha sobrinha (Lívia Maria), a toda minha família, em especial, às tias Marinete, Anadete e Rosário pelo apoio constante durante toda a minha jornada de estudos.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Mulher por partilharem seus conhecimentos, em especial, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lis Cardoso Marinho, por acreditar em mim e por todo amor e dedicação ao programa.

Aos meus colegas da turma do mestrado que, apesar de sermos tão diferentes em vários aspectos como formação acadêmica, de várias cidades do

Piauí e Maranhão, tive a oportunidade de apreender um pouco com eles que são profissionais competentes dentro da sua área de atuação, em especial, às minhas colegas de Corrente (Nagylla e Cecília) e ao Victor pelas inúmeras caronas.

Ao CPCE, em especial ao Prof. Dr. Stélio Bezerra Pinheiro de Lima, pela oportunidade concedida para a realização deste mestrado e desta dissertação. Aos meus amigos “cinobelindos”, pela amizade, carinho de sempre, apoio e incentivo.

À equipe do Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) / CPCE, que mesmo com a minha ausência, em alguns momentos, devido às aulas do mestrado, souberam conduzir o trabalho da assistência estudantil com maestria.

“A violência contra as mulheres não é cultural, é criminal. A igualdade não vai chegar eventualmente, é algo pelo qual devemos lutar”

**Samantha Power**



## RESUMO

**Introdução:** A violência contra mulheres universitárias é um fenômeno complexo que se manifesta através da violência física, psicológica e sexual, causando impacto direto na sua saúde, o que requer o desenvolvimento de estudos para a melhor compreensão desse fenômeno. **Objetivo:** Analisar a prevalência e fatores associados à violência contra mulheres universitárias. **Metodologia:** Estudo transversal e analítico realizado com 458 estudantes do sexo feminino, na Universidade Federal do Piauí, *campus* Professora Cinobelina Elvas, em Bom Jesus-PI. Os dados foram coletados por meio de questionário adaptado da pesquisa Estudo Multi-Países sobre Saúde da Mulher e Violência Doméstica da Organização Mundial da Saúde. Investigou-se o relato de violência durante o curso (VDC) e violência por parceiro íntimo (VPI). A amostra foi descrita por meio de frequências absolutas e relativas. Associação entre as variáveis qualitativas foi realizada por meio do teste Qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ). Estimou-se a razão de prevalência (RP) e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) por meio de regressão de Poisson, com nível de significância de 5%. **Resultados:** Predominaram alunas do curso de Ciências Biológicas (29,3%), menores de 25 anos (83,1%), negras (84,3%), não moravam com pai/mãe (73,4%), não possuíam trabalho remunerado (88,4%), não tinham companheiro (52,8%) e ganhavam menos de um salário mínimo (67,3%). A prevalência de VDC foi de 44,5%, sendo que 43,7% relataram ter sido vítimas de violência psicológica, 9,6% de violência física e 3,3% de violência sexual. A VDC foi associada a ser aluna do curso de Medicina Veterinária (RP: 2,2; IC95% 1,6-2,9) e possuir cor de pele branca (RP: 1,3; IC95% 1,0-1,7). A prevalência de VPI entre as estudantes universitárias foi de 26,4%, sendo que 24,5% foram vítimas de violência psicológica, 7,9% de violência física e 2,8% de violência sexual. VPI sexual foi associada à idade  $\geq 25$  anos (RP: 6,9; IC95%: 1,3-36,8) enquanto a VPI física foi associada à cor de pele branca (RP: 2,8; IC95%: 1,1-7,2). Além disso, como produto desta pesquisa elaborou-se um *e-book* “Violência contra mulheres universitárias”. **Conclusão:** Foram identificadas elevadas prevalências de violência contra mulheres universitárias, tanto de violência durante o curso, isto é, violência realizada desde o ingresso na universidade como de violência por parceiro íntimo atual. A partir da magnitude do fenômeno e respectivos fatores associados é possível subsidiar a elaboração de estratégias de atenção às vítimas e prevenção de novos casos de violência contra mulheres universitárias.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Violência por parceiro íntimo. Universidade. Estudantes. Estudo transversal.

## ABSTRACT

**Introduction:** Violence against university women has a direct impact on their health, which requests the development of studies to better comprehend this phenomenon. **Objective:** to analyze the prevalence and factors associated with violence against university women. **Methodology:** A cross-sectional analytical study realized with 458 female students, at the Federal University of Piauí, Professor Cinobelina Elvas campus, in Bom Jesus-PI. Data were collected using a questionnaire adapted from a Multi-Country Study realized by the World Health Organization on Women's Health and Domestic Violence. It was investigated the report of violence during the course (VDC) and intimate partner violence (IPV). The sample was described through absolute and relative frequencies. The association between qualitative variables was realized using Pearson's chi-square test ( $X^2$ ). We estimated the prevalence ratio (PR) and respective 95% confidence intervals (95%CI) using Poisson regression, with a significance level of 5%. **Results:** Predominance of female students of the Biological Sciences course (29.3%), under 25 years old (83.1%), black (84.3%), did not live with a father / mother (73.4%), did not have paid work (88.4%), had no partner (52.8%) and earned less than one minimum wage (67.3%). The prevalence of VDC was 44.5%, with 43.7% that reported having suffered psychological violence, 9.6% physical violence and 3.3% sexual violence. VDC was associated with being a student in the Veterinary Medicine course (PR: 2.2; 95%CI: 1.6-2.9) and having white skin color (PR: 1.3; 95%CI: 1.0-1.7). The prevalence of IPV among university female students was 26.4%, with 24.5% that were victims of psychological violence, 7.9% of physical violence and 2.8% of sexual violence. Sexual IPV was associated with age  $\geq 25$  years (PR: 6.9; 95%CI: 1.3-36.8), while physical IPV was associated with white skin color (PR: 2.8; 95%CI: 1.1-7.2). In addition, as a product of this research, an e-book "Violence against university women" was produced. **Conclusion:** High prevalences of violence against university women were identified, as much as in violence during the course such as in violence by an intimate partner. From the magnitude of the phenomenon and its associated factors, it is possible to subsidize the development of strategies for caring for victims and preventing new cases of violence against university women.

**Keywords:** Violence against women. Intimate partner violence. University. Female students. Cross-sectional study.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Distribuição do local de ocorrência segundo tipo de violência durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....31
- Figura 2.** Distribuição dos agressores segundo tipo de violência durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....32
- Figura 3.** Sobreposição dos tipos de violência durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....33
- Figura 4.** Distribuição do local de ocorrência segundo o tipo de violência por parceiro íntimo contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....37
- Figura 5.** Sobreposição dos tipos de violência por parceiro íntimo contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....38

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Número de alunas matriculadas, respondentes e taxa de resposta segundo curso. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....23
- Tabela 2.** Características sociodemográficas das estudantes do CPCE/UFPI. Bom Jesus, Piauí, 2019.....27
- Tabela 3.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência durante o curso (VDC) contra mulheres universitárias segundo curso, idade e cor da pele. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....30
- Tabela 4.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres universitárias segundo curso, idade e cor da pele. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....34
- Tabela 5.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência por parceiro íntimo (VPI) segundo características dos parceiros das estudantes universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....35
- Tabela 6.** Prevalência de manifestações de violência durante o curso (VDC) e de violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres universitárias segundo tipo de violência. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.....39

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAFS - *Campus* Dr. Amílcar Ferreira Sobral

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CMPP - *Campus* Ministro Petrônio Portella

CMRV - *Campus* Ministro Reis Veloso

CPCE - *Campus* Professora Cinobelina Elvas

CSHNB - *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS - Organização Mundial de Saúde

PARFOR - Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica

RP - Razão de Prevalência

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

VDC - Violência Durante o Curso

VPI - Violência por Parceiro Íntimo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	15
2.1 Geral.....	15
2.2 Específicos .....	15
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
3.1 Violência contra a mulher: conceitos e tipologias.....	16
3.2 Violência contra mulheres universitárias .....	18
3.3 Violência por parceiro íntimo .....	19
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	22
4.1 Delineamento do estudo.....	22
4.2 Local do estudo.....	22
4.3 População e amostra .....	22
4.4 Coleta de dados.....	23
4.5 Variáveis do estudo.....	24
4.6 Análise dos dados.....	26
4.7 Aspectos éticos e legais.....	26
<b>5 RESULTADOS</b> .....	27
5.1 Violência durante o curso (VDC).....	27
5.2 Violência por parceiro íntimo (VPI) .....	33
<b>6 DISCUSSÃO</b> .....	40
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>APÊNDICES</b> .....	51
<b>APÊNDICE A – Questionário para coleta de dados</b> .....	52
<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido</b> .....	57
<b>APÊNDICE C – E-book produto da dissertação de mestrado</b> .....	59
<b>ANEXOS</b> .....	65
<b>ANEXO A – Autorização institucional</b> .....	66
<b>ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética</b> .....	67

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é um fenômeno antigo. Historicamente, eram vistas como inferiores aos homens, especialmente no tocante à força física, sendo sua função social, essencialmente, o cuidado da família e do lar. Essas relações sociais de sexo e gênero construídas ao longo do tempo têm relação direta com a violência contra a mulher vivenciada na atualidade que é uma das principais formas de violação dos direitos humanos (SOUSA *et al.*, 2018). As relações desiguais entre homens e mulheres, geralmente, são repletas por violência contra a mulher, sendo esse fenômeno histórico, complexo e possuindo associação com as desigualdades sociais (BRASIL, 2017).

A violência contra a mulher, mesmo sendo um problema antigo, é muitas vezes invisível, pois ocorre principalmente no âmbito privado e é, em grande parte, perpetrada por pessoas da família e conhecidos. Logo, muitos casos não geram atendimento nos serviços de saúde e não são notificados, o que contribui para invisibilidade da violência contra a mulher (GARCIA, 2016).

No mundo, dados da Organização Mundial de Saúde revelam que uma em cada seis mulheres sofre violência. Enquanto no Brasil, pesquisa realizada em 2019, “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), revelou que para cada 10 mulheres, quase 3 sofreram violência. Além disso, o Mapa da Violência de 2020 mostra que, no ano de 2018, 4519 mulheres foram assassinadas no Brasil, ocasionando uma taxa homicídio de 4,3/100 mil habitantes do sexo feminino.

A violência contra as mulheres é reconhecida como uma questão de saúde pública (AUDI *et al.*, 2008), que causa diversos agravos à saúde das mulheres, levando muitas delas a procurarem o serviço saúde (BOZZO *et al.*, 2017). Dentre esses agravos estão traumas físicos, mentais, psicológicos que diminui a qualidade de vida da mulher e, às vezes, causa até a morte da mulher (SANTOS *et al.*, 2018).

A violência contra as mulheres é ocasionada por diversos sentimentos, como o ciúme, o ódio, a ideia de posse do homem sobre a mulher, baseando-se em relacionamentos abusivos, que vitimam as mulheres, que passam a sofrer violências, sendo a física a que mais acontece, e algumas levam muitas mulheres à morte (SANTOS *et al.*, 2019).

Apesar de existirem no Brasil mecanismos legais de proteção à mulher como a Constituição Federal de 1988, que assegura a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres a Lei 11340/2006 ou “Lei Maria da Penha” que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, observa-se que, nos dias atuais, a violência contra elas ainda é frequente e que, muitas vezes, permanece ainda abafada na intimidade familiar ou mesmo nos espaços públicos, não chegando ao conhecimento das autoridades instituídas legalmente para combater tais crimes (BRASIL, 2006).

Nas universidades, a violência contra a mulher também tem sido frequente. Neste local, onde se deveria garantir um ambiente democrático, de equidade e paz social, ocorrem, constantemente, desigualdade, discriminação de gênero, denúncia de assédios e estupros, em especial, contra as alunas. Algumas universitárias chegam a evitar certas atividades de ensino, pesquisa e extensão nas dependências da universidade por medo de sofrer violências (ALMEIDA, 2017).

Como assistente social atuando profissionalmente no Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), localizado no município de Bom Jesus, tive oportunidade de ouvir depoimentos de estudantes do sexo feminino alegando serem vítimas de violência dentro e fora da universidade. Frente aos relatos de violência ouvidos, percebi a necessidade de ampliar o olhar sobre a ocorrência da violência contra as mulheres universitárias.

Diante do exposto, faz-se necessário analisar a prevalência e fatores associados à violência contra mulheres universitárias, para reconhecer o tamanho desse agravo e propor medidas de prevenção que contribua para a melhoria da qualidade de vida das estudantes. Além disso, esta temática é relevante, necessitando de estudos, tanto em nível internacional como nacional, em especial em cidades do interior, onde não há dados sobre a magnitude de fenômeno que impacta diretamente a saúde individual e coletiva de estudantes universitárias.



## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

- Analisar a prevalência e fatores associados à violência contra mulheres universitárias.

### **2.2 Específicos**

- Caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico da população do estudo;
- Determinar a prevalência dos diferentes tipos de violência (física, psicológica e sexual) contra mulheres universitárias;
- Identificar os fatores associados à violência contra mulheres universitárias;
- Elaborar material informativo sobre prevenção da violência contra mulheres universitárias.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 Violência contra a mulher: conceitos e tipologias

A violência é um fenômeno complexo, com raízes profundas, multifacetado e que atinge todos os grupos sociais e faixas etárias (TAQUETTE, 2015). Estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo e mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas e muitas outras sofrem lesões não fatais, resultantes da violência (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Em 2015, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Porém, existem outras definições mais específicas, como a que define a violência contra a mulher.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará) definiu violência contra a mulher como todo ato baseado no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como privada. No Brasil, a Lei 11.340, de 2006, define violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. Assim, a violência contra a mulher é qualquer conduta de discriminação que inibe gravemente a capacidade da mulher de gozar direitos e liberdades tanto quanto o homem.

Para Porto e Amaral (2014), a violência contra a mulher é qualquer ato que possa resultar em danos ou sofrimento físico, sexual ou psicológico. Ameaças, coerção ou privação de liberdade, violência doméstica e qualquer tipo de ação, crimes passionais, exploração de mulheres ou meninas, violação, mutilação, casamento precoce e forçado, infanticídio de meninas, entre outros.

A violência contra a mulher se manifesta de muitas maneiras, desde o assédio e outros formatos de abuso verbal, violência física, abuso sexual e até a morte que é denominada de feminicídio que é a morte intencional de uma mulher pelo simples fato de ser mulher (CAICEDO-ROA *et al.*, 2019).

Ao longo da história, a violência contra a mulher foi camuflada pela sociedade e interpretada como uma situação familiar, na qual apenas a família seria protagonista da sua resolução (LIMA *et al.*, 2016). Apresenta-se como um fenômeno social persistente e complexo que se manifesta através da relação de submissão ou de poder causando situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher (BANDEIRA, 2014).

Segundo a Lei 11340/06 (Lei Maria da Penha), a violência contra a mulher ocorre de cinco formas: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A violência física é caracterizada por qualquer ato que lesione a integridade da pele ou a saúde corporal; a violência psicológica é aquela que causa prejuízo emocional e perda da autoestima; violência sexual é o ato que a constranja em participar, ver ou manter relação sexual de forma indesejada. Já a violência patrimonial é qualquer conduta que configure retenção, danos parciais ou totais dos objetos pessoais e de trabalho e a violência moral, que envolve qualquer conduta que representa calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

A violência contra a mulher se expressa, principalmente, através da violência psicológica, física e sexual. A violência psicológica é aquela onde ocorre insulto, humilhação e ameaça; a violência física caracterizada por tapa, empurrões, soco, chute e ameaça com arma de fogo; e sexual quando há relação sexual não desejada (AUDI *et al.*, 2008).

Em todo o mundo, 35% das mulheres são vítimas de violência física e/ou sexual perpetrada, em sua maior parte, por seus parceiros (OMS, 2015). No Brasil, estudo transversal realizado por Schraiber (2007) em 19 serviços públicos de saúde da Grande São Paulo, entre 2001-2002 mostra que 76% das usuárias alegam ter sofrido algum episódio de violência, sendo a mais prevalente a violência psicológica (68,9%), seguida da física (49,6%) e sexual (26%). O estudo indica, também, que a violência física e/ou sexual por parceiro íntimo é de 45,3%, muito maior que a provocada por outras pessoas (25,7%). Outro estudo transversal realizado em 2014, em 26 unidades de saúde de Vitória – ES aponta dados similares sobre a prevalência da violência contra a mulher, sendo a violência psicológica a mais frequente (25,3%), seguida da violência física (9,9%) e sexual (5,7%) (LEITE *et al.*, 2017).

No Piauí, foi realizado estudo descritivo e de série temporal com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificações entre 2009 e 2016 identificou

10.167 registros casos de violência contra as mulheres de 10 a 49 anos no Estado, sendo mais prevalente a agressão física (62,3%) e abuso sexual (23,1%) (MADEIRO *et al.*, 2019).

Assim, a violência contra a mulher ocorre de diferentes formas tornando-se um problema de saúde pública, na medida em que causa mortes, traumas físicos, agravos mentais, psicológicos e diminui a qualidade de vida da mulher (SANTOS *et al.*, 2018). Afeta, desta maneira, a saúde individual e coletiva, e exige formulação de políticas específicas e organização de práticas e de serviços peculiares para sua prevenção e tratamento (MINAYO, 2006).

### **3.2 Violência contra mulheres universitárias**

Nas universidades brasileiras tem sido frequente a denúncia de violência contra a mulher. Os casos de assédios e estupros totalizam números expressivos que não só agridem as mulheres como as excluem do convívio universitário, impacta na evasão escolar e em suas carreiras profissionais (ALMEIDA, 2017).

Os estudos sobre a prevalência de violência contra mulheres universitárias são ínfimos. Nos Estados Unidos, pesquisa realizada em cinco universidades com 873 estudantes de graduação do sexo feminino, constatou que 52% delas já sofreram pelo menos um episódio de violência em sua trajetória de vida (FANTASIA *et al.*, 2018).

A primeira pesquisa brasileira sobre violência contra a mulher no ambiente universitário foi realizada em 2015, a pedido do Instituto Avon ao Data Popular. Os resultados revelaram que assédio e violência sexual fazem parte do cotidiano universitário, o qual se configura como espaço de medo para a mulher. Muitas das alunas sentem medo de sofrer violências nas dependências da universidade e evitam algumas atividades de ensino, pesquisa e extensão para se protegerem (INSTITUTO AVON, 2015).

Outros estudos confirmam a ocorrência deste evento. Pesquisa de corte transversal, realizado em 2002 – 2003 com 362 alunos de duas universidades, uma pública e outra privada, do Estado de São Paulo, mostrou que a prevalência da violência em relacionamentos íntimos entre estudantes é significativa, onde 75,9% das estudantes de instituição pública e 76,4% de privadas referem ter sofrido e perpetrado algum tipo de violência na vida. A violência mais prevalente foi a

psicológica, seguida da sexual (FLAKE *et al.*, 2013). Zotareli *et al.* (2012), ao estudar violência em 2430 alunos de uma universidade pública no Brasil constatou que mais da metade das estudantes do sexo feminino (56,3%) revelaram que desde que entraram na universidade sofreram algum tipo de violência (física, emocional e/ou sexual) e que o ambiente universitário está distante de ser livre de violência contra a mulher.

Dentre os fatores associados à violência contra a mulher destacam-se as drogas ilícitas e lícitas. No caso destas, o uso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitárias esteve associado a experiências de violência. O consumo excessivo de álcool pode aumentar risco das mulheres serem vítimas da violência (FANTASIA *et al.*, 2018).

Grande parte das estudantes universitárias não buscam auxílio profissional em casos de violência, pois não reconhecem tais atos como violência. Violência contra a mulher é um problema invisível pela baixa notificação, mas que ocorre com frequência. Assim, faz-se necessário desenvolver ações que proporcionem a autonomia e conhecimento das estudantes, para que seja desenvolvida uma atitude de não aceitação da violência (FLAKE *et al.*, 2013).

### **3.3 Violência por parceiro íntimo**

Violência por parceiro íntimo (VPI) é definida como qualquer comportamento durante ou após o término da relação íntima que cause danos físico, sexual ou psicológico àqueles envolvidos no relacionamento (GARCIA; SILVA, 2018). O parceiro íntimo pode ser o/a companheiro/a ou ex-companheiro/a, independentemente de união formal, e namorados/as atuais desde que mantendo relações sexuais (SCHRAIBER *et al.*, 2007).

A VPI ocorre tanto na unidade doméstica como no ambiente público (MOREIRA *et al.*, 2016). Ela é o tipo mais comum de violência contra as mulheres em todo o mundo, afetando 30% dos casos (OMS, 2015). Geralmente, VPI refere-se a maus-tratos praticados pelos homens. Porém, as mulheres na relação de afeto, também, realizam agressões em seus/suas parceiros/as íntimos/as (CONCEIÇÃO *et al.*, 2018).

Um inquérito epidemiológico realizado por Oliveira (2009), no município de São Paulo, entre 2005 e 2006, com 1631 pessoas, mostrou que as mulheres

sofreram agressões mais graves, como espancamento, socos e chutes, e precisaram de mais cuidados médicos do que os homens.

Schraiber *et al.* (2007) realizou um estudo transversal sobre saúde da mulher e violência em diferentes países, entre 2000 e 2003, incluindo o Brasil. A pesquisa foi realizada na cidade de São Paulo e na região da Zona da Mata de Pernambuco, evidenciando que a prevalência de VPI não foi tão alta quando comparada com outras localidades. No Japão, a prevalência da violência física foi 13%; em São Paulo 27,2%; em Pernambuco 33,7% e no Peru 61%. A violência sexual foi mais prevalente na Etiópia (59%), Pernambuco (14,3%), São Paulo (10,1%) e no Japão e Sérvia (6%).

Além disso, foi identificado que, raramente, uma mulher sofre apenas um tipo de violência, existindo sobreposição dos casos de violência psicológica, física e sexual. Em São Paulo, 45,3% das vítimas relataram ter sofrido as três formas de agressão, enquanto que na Zona da Mata de Pernambuco esse número subiu para 53,9%. Os dados revelam a elevada prevalência da sobreposição dos casos de violência que está associada às suas formas mais graves (SCHRAIBER *et al.*,2007).

Estudo transversal, realizado por Rosa (2018), com 470 mulheres usuárias da Atenção Primária à Saúde, em 2012, no município de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte - Minas Gerais, evidenciou que o parceiro íntimo aparece como um dos agressores em todos os tipos de violência relatados. Houve maior prevalência de violência psicológica (42,8%), seguida da violência física (26%) e violência sexual (12%). O baixo grau de instrução, baixa renda, dependência financeira e o consumo de álcool pela mulher estavam associados com a ocorrência de VPI.

No Piauí, estudo transversal e analítico, realizado sobre VPI contra a mulher no período entre 2015 2016, em 72 Unidades Básicas de Saúde localizadas nos municípios de Teresina, Parnaíba, Picos, Floriano e Bom Jesus, com a amostra de 369 mulheres na faixa etária de 20 a 59 anos mostrou que a prevalência global de VPI contra a mulher foi de 64,0%, sendo 61,5% de violência psicológica, 33,6% de violência física e 17,1% de violência sexual (VELOSO; MONTEIRO, 2019).

As consequências da VPI são intensas, afetando a saúde da pessoa de forma direta, através das lesões, ou de forma indireta com o aumento do risco de uma mulher vir a ter uma saúde precária no futuro. Além disso, ela afeta a autoestima,

pois os relacionamentos abusivos causam diminuição da autoestima da mulher e da sua capacidade de participar da vida pública (KRUG *et. al.*, 2002).

Muitas mulheres vítimas da VPI têm dificuldade de reconhecê-la e romper com seu ciclo, pois tem medo de sofrer novas agressões. Assim, muitas vezes, as mulheres tendem a silenciar sobre a violência vivenciada ou quando denunciam seu parceiro íntimo acabam desistindo de sustentar a denúncia, pois acreditam que o agressor vai mudar (GOMES *et al.*, 2016).

## 4 MÉTODOS

### 4.1 Delineamento do estudo

Trata-se de estudo transversal analítico, de base institucional, do tipo censo.

### 4.2 Local do estudo

Esta pesquisa foi realizada no CPCE da UFPI<sup>1</sup>, inaugurado em 14 de novembro de 2006 (UFPI, 2018, p. 4). O CPCE fica localizado na cidade de Bom Jesus, a 634 Km de Teresina, capital do Estado do Piauí. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Bom Jesus em 2010 era de 22.629 habitantes e a população estimada para 2019 seria de 25.179 pessoas.

O CPCE possuía, no período letivo 2019.1, sete cursos de graduação, sendo seis na modalidade presencial período regular: Engenharia Agrônômica; Engenharia Florestal; Ciências Biológicas; Medicina Veterinária; Zootecnia; Educação do Campo e História, este último por meio de um convênio no âmbito do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR). Além disso, existem dois Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em nível de Mestrado: Ciências Agrárias e Zootecnia.

### 4.3 População e amostra

A população de estudo foi constituída por todas as estudantes do sexo feminino (n=653), matriculadas nas disciplinas ofertadas no período regular dos cursos de graduação em Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal e Zootecnia (Tabela 1).

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Piauí (UFPI) é a mais antiga universidade pública do Estado do Piauí. Ela foi instituída sob a forma de Fundação, por meio da Lei Federal nº5.528, de 12 de novembro de 1968, sendo instalada somente em março de 1971. Esta universidade possui, atualmente, cinco *campi*, que são: *Campus* Ministro Petrônio Portella – CMPP (Teresina), *Campus* Ministro Reis Veloso – CMRV (Parnaíba), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB (Picos), *Campus* Dr. Amílcar Ferreira Sobral- CAFS (Floriano), *Campus* Professora Cinobelina Elvas – CPCE (Bom Jesus).



Foram excluídas as estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e do curso de História via convênio PARFOR, por não frequentarem o CPCE no mesmo período dos demais cursos incluídos no estudo.

Nos dias agendados para coleta de dados encontravam-se em sala de aula 458 estudantes, as quais responderam ao questionário, obtendo-se taxa de resposta de 70,1%, variando de 64,9% no curso de Engenharia Agrônômica a 75,6% no curso de Zootecnia (Tabela 1).

Considerando a população de 653 estudantes, prevalência esperada de 50%, precisão de 5% e intervalo de confiança de 95%(IC95%), a amostra seria de, no mínimo, 243 participantes<sup>2</sup>.

**Tabela 1.** Número de alunas matriculadas, respondentes e taxa de resposta segundo curso. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.

<b>Curso</b>	<b>Alunas matriculadas (N)</b>	<b>Alunas respondentes (n)</b>	<b>Taxa de resposta (%)</b>
Ciências Biológicas	190	134	70,5
Engenharia Agrônômica	114	74	64,9
Engenharia Florestal	106	75	70,8
Medicina Veterinária	153	107	69,9
Zootecnia	90	68	75,6
<b>Total</b>	<b>653</b>	<b>458</b>	<b>70,1</b>

CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.*

#### 4.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em dias letivos dos meses março a maio de 2019, em horário pactuado com o docente de cada disciplina selecionada. Selecionaram-se as disciplinas com o maior número de alunas matriculadas em cada bloco de cada um dos cinco cursos regulares de graduação do CPCE. No horário combinado, os pesquisadores apresentaram os objetivos e métodos da

<sup>2</sup>Na pesquisa foi adotada a amostra do tipo censo, o número de estudantes do sexo feminino matriculadas em 2019.1 que estavam em sala de aula no dia da coleta (N= 458), foi suficiente para os fins do estudo proposto.

pesquisa e convidaram as estudantes a participarem. As que aceitaram participar preencheram o questionário de forma anônima e, após o preenchimento, depositaram-no em envelope, ainda dentro da sala de aula. Foi feita a conferência de quantas alunas estavam matriculadas, quantas estavam presentes e quantas devolveram o questionário preenchido.

Utilizou-se um questionário adaptado (APÊNDICE A) a partir do formulário utilizado na pesquisa Estudo Multi-Países sobre Saúde da Mulher e Violência Doméstica, da OMS, e validado no Brasil por Schraiber (2010).

Antes da coleta de dados, foi realizado teste piloto com estudantes do sexo feminino de uma faculdade particular no município de Bom Jesus-PI, com o objetivo de identificar as alterações necessárias no instrumento de coleta de dados, não sendo eles incluídos como parte do estudo.

#### **4.5 Variáveis do estudo**

As variáveis dependentes foram:

- Violência durante o curso (VDC): Violência física, sexual e psicológica realizada desde o ingresso na universidade, por conhecidos ou desconhecidos, sem considerar o parceiro atual. Foram consideradas as respostas de todas as estudantes independente de terem ou não parceiro atual.
- Violência por parceiro íntimo (VPI): Todo e qualquer comportamento de violência cometida tanto na unidade doméstica como em qualquer relação íntima de afeto, independentemente de coabitação (KRUG et al, 2002). Considerou-se na presente pesquisa a VPI como a violência física, sexual ou psicológica que foi realizada pelo parceiro atual. Somente as estudantes com parceiro atual responderam a parte do questionário que tratava sobre aspectos psicológicos, físicos e sexuais.

A ocorrência de violência foi identificada quando as entrevistadas responderam SIM a pelo menos uma das perguntas sobre:

- Violência psicológica: insultou ou vez com que se sentisse mal (sim, não), depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas (sim, não), fez algo

para assustar ou intimidar você de propósito (sim, não), ameaçou machucar você (sim, não);

- Violência física: deu um tapa ou jogou algo que poderia machucar (sim, não), empurrou ou deu um tranco/chacoalhão (sim, não), machucou com um soco ou algum objeto (sim, não), deu chute, arrastou ou surrou (sim, não), estrangulou ou queimou de propósito (sim, não), ameaçou usar arma de fogo, faca ou outro tipo de arma de fogo (sim, não);
- Violência sexual: forçou fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria (sim, não), teve relação sexual porque estava com medo do que pudesse fazer (sim, não), forçou uma prática sexual degradante ou humilhante (sim, não).

As variáveis independentes foram:

- Curso: Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Zootecnia;
- Aspectos sociodemográficos das universitárias: idade (<25, ≥25 anos), cor da pele (branca, negra [preta + parda]), mora com pai ou mãe (sim, não), trabalho remunerado (sim, não), renda mensal (<1, ≥1 salário mínimo), renda familiar mensal (<1, ≥1 salário mínimo), situação afetiva ou conjugal atual (com, sem companheiro);
- Aspectos sociodemográficos do companheiro: idade (<25, ≥25 anos), sexo (masculino, feminino), escolaridade (<8, ≥8 anos de estudo), trabalho remunerado (sim, não), estuda na mesma universidade (sim, não), uso de bebida alcoólica (nunca, uma vez por semana, duas a três vezes por semana, mais de três vezes por semana), quantidade de dose (<4, ≥4), uso de drogas ilícitas (sim, não);
- Características do agressor: quem praticou (parceiro íntimo [ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-namorado(a)], conhecidos [pai/padrasto, mãe/madrasta, outro parente e amigos] e desconhecidos).

#### **4.6 Análise dos dados**

Os dados dos questionários foram inseridos em planilhas do Microsoft Excel por meio de dupla digitação e conferidos no programa Epi Info para identificação de possíveis erros de digitação.

A descrição da população de estudo foi realizada utilizando-se as frequências absolutas, relativas e medidas de tendência central. Aplicou-se o teste do Qui-quadrado de Pearson ( $X^2$ ) e a razão de prevalência (RP) por meio de regressão de Poisson, e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%), com nível de significância ( $\alpha$ ) de 5%.

As análises estatísticas foram realizadas no programa *Stata* (*StataCorp College Station*, Estados Unidos), versão 14.0.

#### **4.7 Aspectos éticos e legais**

A pesquisa obteve a autorização institucional da direção do CPCE (ANEXO A) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí, segundo o parecer nº 3.131.039, de 04 de fevereiro de 2019 (ANEXO B). Foram respeitados os princípios éticos que constam nas Resoluções nº 466/2012 e nº510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, no que corresponde ao sigilo e confidencialidades dos dados coletados.

As participantes foram informadas dos objetivos e metodologia da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), resguardando-lhes o direito de permanecer ou desistir da pesquisa em qualquer momento, garantindo assim o direito de anonimato (APÊNDICE B).

## 5 RESULTADOS

Das 653 estudantes matriculadas, 458 (70,1%) estavam presentes no dia da coleta de dados e aceitaram participar do estudo. Os resultados serão apresentados de maneira estratificada: primeiro, serão apresentados os dados sobre violência durante o curso universitário; a seguir, serão apresentados os dados específicos sobre violência por parceiro íntimo.

### 5.1 Violência durante o curso (VDC)

A maioria destas estudantes eram do curso de Ciências Biológicas (29,3%) e tinham menos de 25 anos (83,1%). Houve predomínio de estudantes negras (84,3%), das que não moravam com pai/mãe (73,4%) e não possuíam trabalho remunerado (88,4%). Mais da metade delas (52,8%) não tinham companheiro. Em relação à renda, 67,3% das estudantes ganhavam menos de um salário mínimo e 69,2% de suas famílias tinham renda maior e igual a um salário mínimo (Tabela 2).

**Tabela 2.** Características sociodemográficas das estudantes do CPCE/UFPI. Bom Jesus, Piauí, 2019.

Características	Total	
	N	%
<b>Total</b>	<b>458</b>	<b>100,0</b>
<b>Curso</b>		
Ciências Biológicas	134	29,3
Medicina Veterinária	107	23,4
Engenharia Florestal	75	16,4
Engenharia Agrônômica	74	16,1
Zootecnia	68	14,8
<b>Idade (anos)*</b>		
<25	374	83,1
≥ 25	76	16,9
<b>Cor da pele*</b>		
Branca	69	15,7
Negra (preta+parda)	370	84,3

(continua)

**Tabela 2.** Características sociodemográficas das estudantes do CPCE/UFPI. Bom Jesus, Piauí, 2019. (continuação)

Características	Total	
	N	%
<b>Mora com pai/mãe*</b>		
Não	329	73,4
Sim	119	26,6
<b>Situação afetiva/conjugal atual</b>		
Com companheiro	216	47,2
Sem companheiro	242	52,8
<b>Trabalho remunerado</b>		
Não	403	88,4
Sim	53	11,6
<b>Renda mensal (SM<sup>1</sup>)</b>		
< 1	35	67,3
≥ 1	17	32,7
<b>Renda familiar mensal*(SM<sup>1</sup>)</b>		
< 1	122	30,8
≥ 1	274	69,2

CPCE/UFPI: *Campus* Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.

IC 95%: intervalo de confiança de 95%. \*Os totais divergem devido a dados faltantes: idade (n=8), cor da pele (n=19), com quem mora (n=10), situação laboral (n=2), renda familiar (n=62).

<sup>1</sup>Salário mínimo vigente em 2019: R\$998,00.

Das 458 estudantes que responderam ao questionário, 204 sofreram algum tipo de violência (44,5%), sendo que 43,7% sofreram violência psicológica, 9,6% violência física e 3,3% violência sexual. A frequência de mulheres que sofreram violência durante o curso variou de 29,8% no curso de Ciências Biológicas até 64,5% no curso de Medicina Veterinária (Tabela 3).

A prevalência de violência durante o curso foi significativamente superior entre as estudantes de Medicina Veterinária (RP: 2,2; IC95% 1,6-2,9), Engenharia Florestal (RP: 1,7; IC95% 1,2-2,4) e Engenharia Agrônoma (RP: 1,6; IC95% 1,1-2,3) em relação às estudantes de Ciências Biológicas. A prevalência de violência durante o curso foi mais elevada entre as estudantes que se declararam brancas

(RP: 1,3; IC95% 1,0-1,7) quando comparadas às estudantes declaradas negras (Tabela 3).

A prevalência de violência psicológica foi superior entre as estudantes de Medicina Veterinária (RP: 2,1; IC95% 1,6-2,8), Engenharia Agrônômica e Engenharia Florestal (RP: 1,6; IC95% 1,1-2,3) em comparação com as alunas do curso de Ciências Biológicas. Esse tipo de violência foi 30% (RP: 1,3; IC95% 1,1-1,7) mais relatado entre as estudantes brancas comparadas às negras. As estudantes de Engenharia Agrônômica relataram ter sofrido violência física 4,2 vezes mais (RP: 4,2; IC95% 1,7-10,5) em relação às alunas de Ciências Biológicas. Violência sexual foi relatada em maior frequência entre as estudantes de Medicina Veterinária (RP: 12,5; IC95% 1,6-96,6), quando comparadas às estudantes do curso de Ciências Biológicas (Tabela 3).

**Tabela 3.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência durante o curso (VDC) contra mulheres universitárias segundo curso, idade e cor da pele. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.

Características	Total		VDC		Valor	Violência psicológica		Valor	Violência física		Valor	Violência sexual		Valor
	N (%)	n (%)	RP (IC95 %)	de p	n (%)	RP (IC95 %)	de p	n (%)	RP (IC95 %)	de p	n (%)	RP (IC95 %)	de p	
<b>Total</b>	<b>458 (100,0)</b>	<b>204 (44,5)</b>				<b>200 (43,7)</b>	<b>-</b>		<b>44 (9,6)</b>			<b>15 (3,3)</b>		
<b>Curso</b>														
Eng. Agrônômica	74 (16,1)	36 (48,6)	1,6 (1,1-2,3)	0,006	36 (48,6)	1,6 (1,1-2,3)	0,006	14 (18,9)	4,2 (1,7-10,5)	0,002	4 (5,4)	7,2 (0,8-63,8)	0,075	
Eng. Florestal	75 (16,4)	38 (50,7)	1,7 (1,2-2,4)	0,002	36 (48,0)	1,6 (1,1-2,3)	0,008	8 (10,7)	2,4 (0,8-6,6)	0,096	-	-	-	
Ciências Biológicas	134 (29,3)	40 (29,8)	1,0	-	40 (29,8)	1,0	-	6 (4,5)	1,0	-	1 (0,8)	1,0	-	
Medicina Veterinária	107 (23,4)	69 (64,5)	2,2 (1,6-2,9)	<0,001	67 (62,6)	2,1 (1,6-2,8)	<0,001	10 (9,4)	2,1 (0,8-5,6)	0,141	10 (9,4)	12,5 (1,6-96,6)	0,015	
Zootecnia	68 (14,8)	21 (30,9)	1,0 (0,6-1,6)	0,880	21 (30,9)	1,0 (0,7-1,6)	0,880	6 (8,8)	2,0 (0,7-5,9)	0,224	-	-	-	
<b>Idade (anos)*</b>														
<25	374 (83,1)	175 (46,8)	1,4 (1,0-1,8)	0,058	17 (145,7)	1,3 (1,0-1,8)	0,080	38 (10,2)	1,4 (0,6-3,2)	0,405	13 (3,5)	1,4 (0,3-6,3)	0,614	
≥ 25	76 (16,9)	26 (34,2)	1,0	-	26 (34,2)	1,0	-	5 (6,6)	1,0	-	2 (2,6)	1,0	-	
<b>Cor da pele*</b>														
Branca	69 (15,7)	38 (55,1)	1,3 (1,0-1,7)	0,032	38 (55,1)	1,3 (1,1-1,7)	0,019	4 (5,8)	1,0	-	4 (5,8)	2,1 (0,7-6,6)	0,186	
Negra (preta+parda)	370 (84,3)	156 (42,2)	1,0	-	152 (41,1)	1,0	-	36 (9,7)	1,7 (0,6-4,6)	0,311	10 (2,7)	1,0	-	

CPCE/UFPI: *Campus* Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.

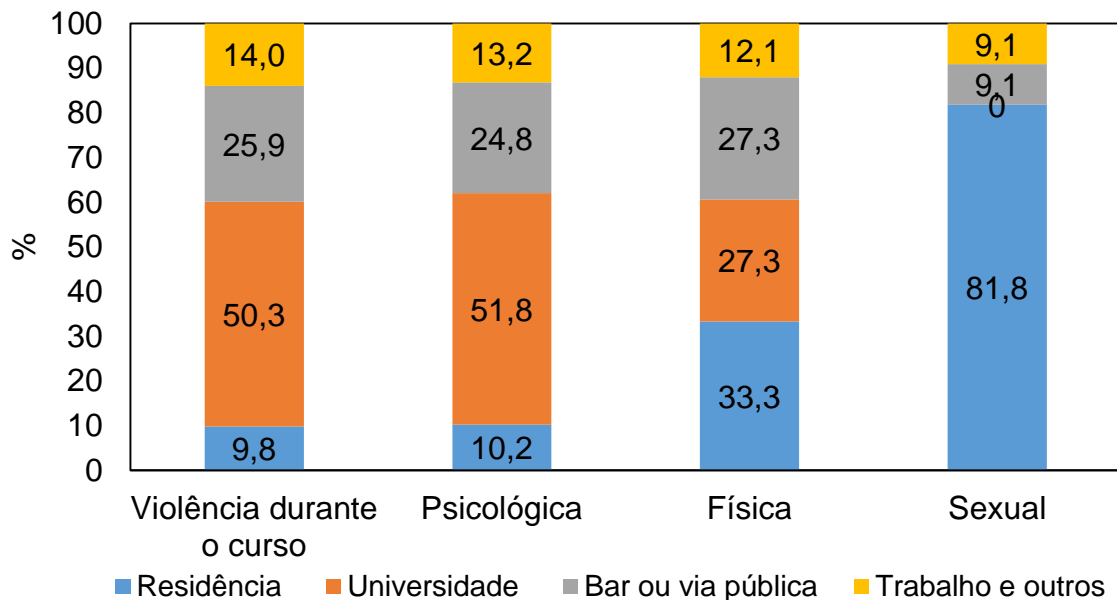
IC95%: intervalo de confiança de 95%.

\*Os totais divergem devido a dados faltantes: idade (n=8), cor da pele (n=19).



Ao se analisar o local de ocorrência da violência segundo o tipo, observa-se que na violência durante o curso, a universidade foi onde teve mais ocorrência (50,3%), seguido de bar e via pública (25,9%). Com relação aos locais de ocorrência da violência psicológica, na universidade ocorreu (51,8%), bar ou via pública (24,8%) dos casos. Já a violência física acontece mais na residência (33,3%), seguido da universidade e de bar ou via pública (27,3%). Na violência sexual, o local de mais ocorrência foi a residência (81,8%), seguido de bar ou via pública e trabalho e outros (9,1%) ( Figura 1).

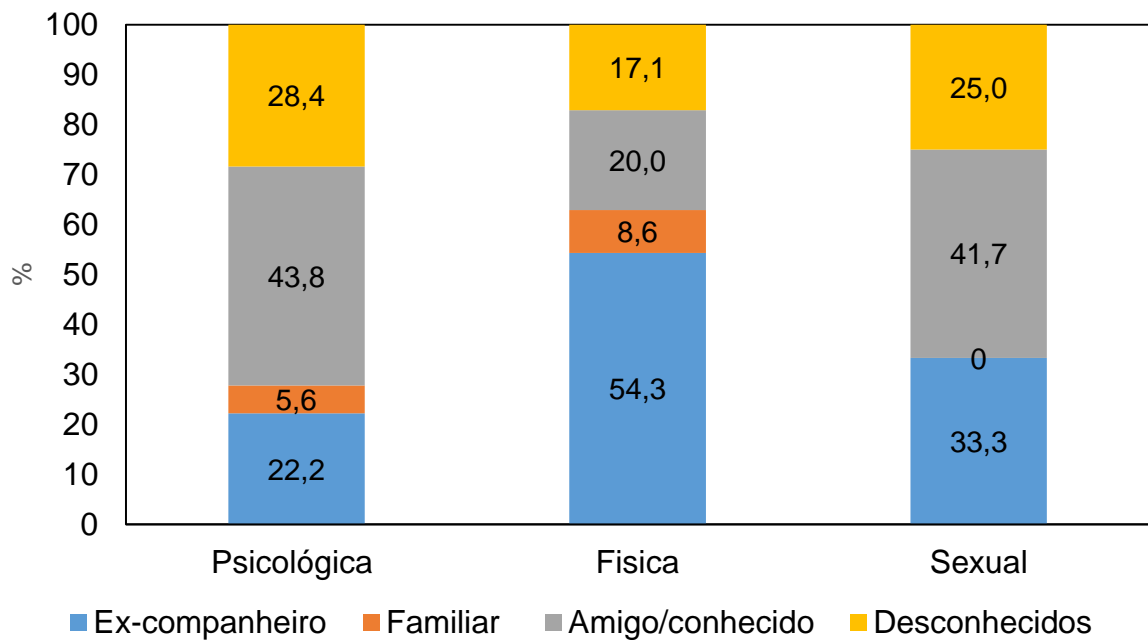
**Figura 1.** Distribuição do local de ocorrência segundo tipo de violencia durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.



CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.*

A Figura 2 apresenta a distribuição dos agressores segundo tipo de violência durante o curso. Cerca de quatro em cada dez casos de violência psicológica foram cometidos por amigo/conhecido (43,8%) da vítima, enquanto o ex-companheiro (54,3%) foi o agressor mais frequente entre os casos de violência física. Em relação à violência sexual, os agressores predominantes foram amigos/conhecidos (41,7%), e ex-companheiros (33,3%).

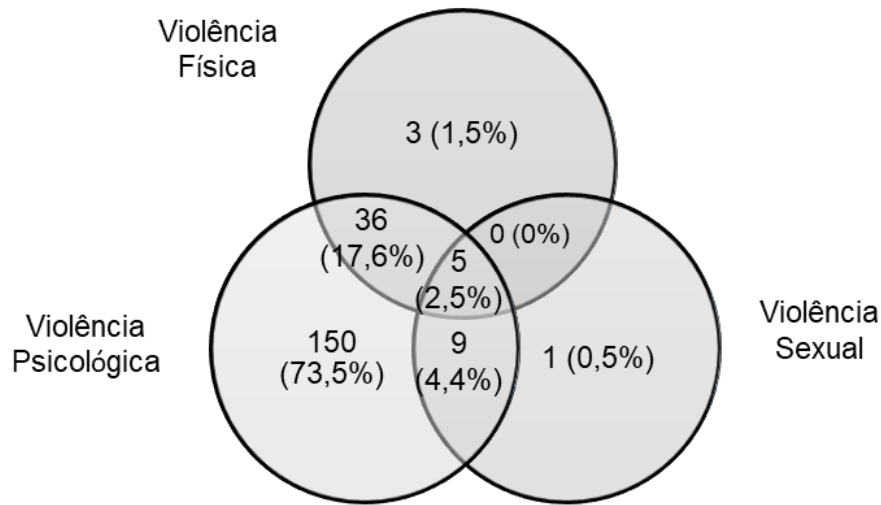
**Figura 2.** Distribuição dos agressores segundo tipo de violência durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.



CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.*

A violência mais prevalente contra as estudantes universitárias durante o curso foi a psicológica (73,5%), seguida da física (1,5%) e sexual (0,5%). A violência psicológica ocorreu juntamente à violência física em 17,6% dos casos de violência. Não houve ocorrência simultânea da violência física com a violência sexual. A violência psicológica ocorreu juntamente com a violência sexual em 4,4% dos casos. A sobreposição dos tipos de violência (física, psicológica e sexual) foi identificada em 2,5% dos casos (Figura 3).

**Figura 3.** Sobreposição dos tipos de violência durante o curso contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.



CPCE/UFPI: *Campus* Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.

## 5.2 Violência por parceiro íntimo (VPI)

A prevalência de VPI entre estudantes universitárias foi de 26,4%, isto é, do total de 216 estudantes universitárias que informaram terem parceiro íntimo, 57 sofreram algum tipo de violência cometida pelo parceiro. Dentre os tipos de violência cometida por parceiro íntimo, a mais frequente foi a psicológica (24,1%), seguida da física (7,9%) e sexual (2,8%).

A frequência de universitárias que sofreram VPI variou de 17,5% no curso de Engenharia Florestal e atingiu maior proporção no curso de Medicina Veterinária (32,7%), porém não houve diferença significativa entre os diferentes cursos, idade ou cor da pele. A prevalência de VPI física entre as estudantes que se declararam brancas foi quase três vezes superior (RP: 2,8; IC95% 1,1-7,2) quando comparadas às estudantes declaradas negras, ao passo em que a VPI do tipo sexual foi quase sete vezes superior (RP: 6,9; IC95% 1,3-36,8) entre as estudantes com 25 anos e mais de idade em relação às mais jovens (Tabela 4).

**Tabela 4.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres universitárias segundo curso, idade e cor da pele. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.

Características	Total		VPI		Valor de p	VPI psicológica		Valor de p	VPI física		Valor de p	VPI sexual		Valor de p
	N (%)	n (%)	RP (IC95 %)			n (%)	RP (IC95 %)		n (%)	RP (IC95 %)		n (%)	RP (IC95 %)	
<b>Total</b>	<b>216 (100,0)</b>	<b>57 (26,4)</b>				<b>52 (24,1)</b>	<b>-</b>		<b>17 (7,9)</b>			<b>6 (2,8)</b>		
<b>Curso de graduação</b>														
Eng. Agrônômica	30 (13,9)	7 (23,3)	1,3 (0,5-3,4)	0,547	6 (20,0)	1,1 (0,4-3,0)	0,790	3 (10,0)	4,0 (0,4-36,8)	0,221	-	-	-	-
Eng. Florestal	40 (18,5)	7 (17,5)	1,0	-	7 (17,5)	1,0	-	1 (2,5)	1,0	-	-	-	-	-
Ciências Biológicas	62 (28,7)	20 (32,3)	1,8 (0,9-4,0)	0,117	17 (27,4)	1,6 (0,7-3,4)	0,264	5 (8,1)	3,2 (0,4-26,7)	0,278	3 (4,8)	1,0	-	-
Medicina Veterinária	52 (24,1)	17 (32,7)	1,9 (0,9-4,1)	0,116	16 (30,8)	1,9 (0,8-4,1)	0,116	6 (11,5)	4,6 (0,6-36,9)	0,150	3 (5,8)	1,2 (0,2-5,7)	0,826	-
Zootecnia	32 (14,8)	6 (18,8)	1,1 (0,4-2,9)	0,891	6 (18,8)	1,1 (0,4-2,9)	0,891	2 (6,2)	2,5 (0,2-26,5)	0,447	-	-	-	-
<b>Idade (anos)*</b>														
<25	166 (77,6)	42 (25,3)	1,0	-	38 (22,9)	1,0	-	13 (7,8)	1,0	-	2 (1,2)	1,0	-	-
≥ 25	48 (22,4)	14 (29,2)	1,2 (0,7-1,9)	0,588	13 (27,1)	1,2 (0,7-2,0)	0,606	4 (8,3)	1,1 (0,4-3,1)	0,910	4 (8,3)	6,9 (1,3-36,8)	0,023	-
<b>Cor da pele*</b>														
Branca	37 (17,7)	13 (35,1)	1,4 (0,9-2,4)	0,164	12 (32,4)	1,5 (0,8-2,5)	0,196	6 (16,2)	2,8 (1,1-7,2)	0,034	1 (2,7)	1,0	-	-
Negra (preta+parda)	172 (82,3)	42 (24,4)	1,0	-	38 (22,1)	1,0	-	10 (5,8)	1,0	-	5 (2,9)	1,1 (0,1-9,0)	0,946	-

CPCE/UFPI: Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.

IC95%: intervalo de confiança de 95%.

\*Os totais divergem devido a dados faltantes: idade (n=8), cor da pele (n=19).

A maioria dos/as companheiros/as das estudantes universitárias tinham menos de 25 anos (54,9%); eram do sexo masculino (96,3%); possuíam trabalho remunerado (54%) e tinham mais de oito anos de estudo (92,1%). Quase 40% dos companheiros estudavam na mesma universidade das estudantes. Quanto ao uso de drogas, 2,3% dos/as companheiros/as usavam drogas ilícitas e a maioria informou que usavam bebida alcoólica (68,1%), sendo que 52,1% consumiam de forma abusiva o álcool, isto é, consumiam quatro ou mais doses de bebida alcoólica no dia que bebiam. Foi observada associação entre VPI e o uso de álcool. A ocorrência de violência cometida por companheiros que bebiam duas a três vezes por semana foi o dobro da frequência de violência cometida por parceiros que não bebiam (Tabela 5).

**Tabela 5.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência por parceiro íntimo (VPI) segundo características dos parceiros das mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.

Características	Total		VPI		RP	IC 95%	Valor de p
	N	%	n	%			
<b>Total</b>	<b>216</b>	<b>100,0</b>	<b>57</b>	<b>26,4</b>			
<b>Idade (anos)*</b>							
< 25	117	54,9	25	21,4	1,0	-	-
≥ 25	96	45,1	32	33,3	1,6	1,0 – 2,4	0,052
<b>Sexo*</b>							
Masculino	207	96,3	55	26,6	1,0	-	-
Feminino	8	3,7	2	25,0	0,9	0,3 – 3,2	0,922
<b>Escolaridade (anos)*</b>							
< 8	17	7,9	4	23,5	1,0	-	-
≥ 8	197	92,1	53	26,9	1,1	0,5 – 2,8	0,768
<b>Trabalho remunerado*</b>							
Não	99	46,0	25	25,2	1,0	-	-
Sim	116	54,0	32	27,6	1,1	0,7 – 1,7	0,700
<b>Estuda mesma universidade*</b>							
Sim	84	39,8	20	23,8	1,0	-	-
Não	127	60,2	35	27,6	1,2	0,7 – 1,9	0,547

(continua)

**Tabela 5.** Prevalência e razão de prevalência (RP) de violência por parceiro íntimo (VPI) segundo características dos parceiros das estudantes universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019. (continuação)

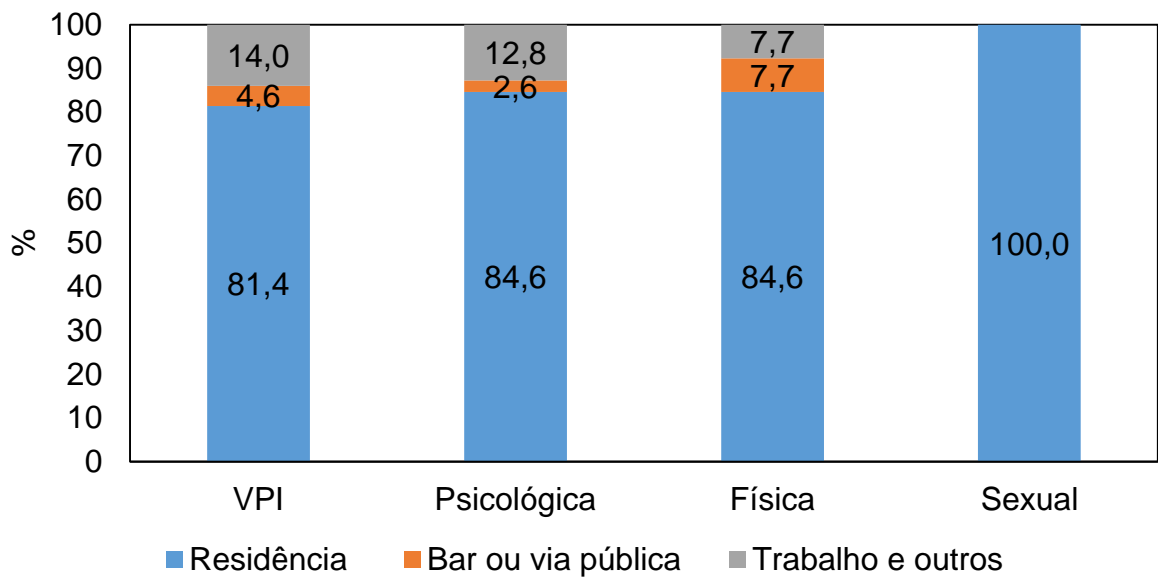
Características (n)	Total		VPI		RP	IC 95%	Valor de p
	N	%	n	%			
<b>Ingestão de bebida alcoólica (por semana)*</b>							
Não bebe nunca	68	31,9	15	22,1	1,0	-	-
Uma vez	117	54,9	29	24,8	1,1	0,6 – 1,9	0,677
Duas a três vezes	26	12,2	12	46,2	2,1	1,1 – 3,8	0,018
Mais de três vezes	2	1,0	1	50,0	2,3	0,5 – 9,8	0,272
Não bebe nunca	68	31,9	15	22,1	1,0	-	-
<b>Número de doses*</b>							
< 4	67	47,9	16	23,9	1,0	-	-
≥ 4	73	52,1	25	34,2	1,4	0,8 – 2,4	0,186
<b>Uso de drogas ilícitas*</b>							
Sim	5	2,3	1	20,0	1,0	-	-
Não	209	97,7	56	26,8	1,3	0,2 – 7,9	0,746

CPCE/UFPI: *Campus* Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.

IC 95%: intervalo de confiança de 95%. \*Os totais divergem devido a dados faltantes: idade (n=3), sexo (n=1), escolaridade (n=2), trabalho remunerado (n=1), estuda mesma universidade (n=5), ingestão de bebida alcoólica (n=3), número de doses (n=5), uso de drogas ilícitas (n=2).

Ao se analisar o local de ocorrência da violência segundo o tipo de VPI em universitárias, observa-se que na VPI total a residência foi onde teve mais ocorrência (81,4%), seguido de trabalho e outros (14%). Na violência psicológica e física, os casos ocorridos na residência totalizaram 84,6%; enquanto que na violência sexual, todos os casos ocorreram na residência (Figura 4).

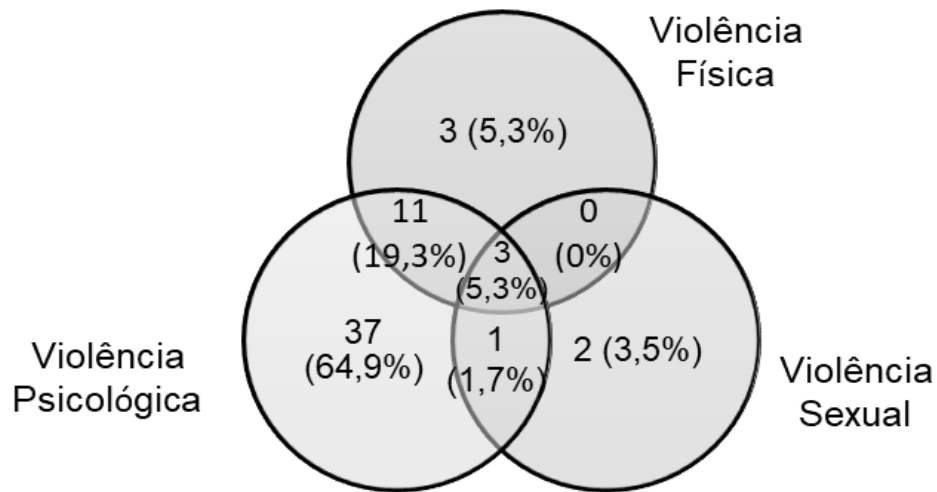
**Figura 4.** Distribuição do local de ocorrência segundo o tipo de violência por parceiro íntimo contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.



CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.*

A VPI contra as mulheres universitárias de maneira isolada apresentou maior prevalência no tipo psicológica (64,9%), seguida da física (5,3%) e sexual (3,5%). A violência psicológica ocorreu juntamente à violência física em 19,3% dos casos de violência. Não houve combinação da violência física com a violência sexual. A violência psicológica ocorreu juntamente com a sexual em 1,7% dos casos. A sobreposição dos tipos de violência (física, psicológica e sexual) foi identificada em 5,3% dos casos de violência contra estudantes universitárias perpetrada por parceiro íntimo (Figura 5).

**Figura 5.** Sobreposição dos tipos de violência por parceiro íntimo contra mulheres universitárias. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.



CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí*

A Tabela 6 apresenta a prevalência das manifestações de violência durante o curso e violência por parceiro íntimo segundo tipo de violência contra mulheres universitárias. Os comportamentos mais frequentemente apontados no item da violência psicológica foi o insulto ou fazer com que a pessoa se sentisse mal (38,8% na VDC e 21,2% na VPI). Referente à violência física, empurrões ou tranco/chacoalhão foram os atos que mais aconteceram (7,1% na VDC e 7% na VPI). Na violência sexual, o fato mais relatado foi forçar fisicamente a manter relações sexuais quando a estudante não queria (2,3% na VDC e 0,9% na VPI) (Tabela 6).



**Tabela 6.** Prevalência de manifestações de violência durante o curso (VDC) e de violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres universitárias segundo tipo de violência. CPCE/UFPI, Bom Jesus, Piauí, 2019.

Manifestações de violência	VDC		VPI	
	n	%	n	%
<b>Violência Psicológica</b>	200	43,7	52	24,1
Insulto ou fez com que se sentisse mal	174	38,8	46	21,2
Fez algo para assustar ou intimidar você de propósito	111	24,7	16	7,5
Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas	82	18,3	14	6,5
Ameaçou machucar você	35	7,8	6	2,8
<b>Violência física</b>	44	9,6	17	7,9
Empurrou ou deu um tranco/chacoalhão	31	7,1	15	7,0
Deu um tapa ou jogou algo que poderia machucar	18	4,1	7	3,2
Ameaçou usar arma de fogo, faca ou outro tipo de arma de fogo	11	2,6	1	0,5
Machucou com um soco ou algum objeto	7	1,6	2	0,9
Deu chute, arrastou ou surrou	5	1,2	-	-
Estrangulou ou queimou de propósito	3	0,7	-	-
<b>Violência Sexual</b>	15	3,3	6	2,8
Forçou fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria	10	2,3	4	0,9
Teve relação sexual porque estava com medo do que pudesse fazer	7	1,6	1	0,2
Forçou uma prática sexual degradante ou humilhante	5	1,2	1	0,2

CPCE/UFPI: *Campus Professora Cinobelina Elvas/Universidade Federal do Piauí.*

## 6 DISCUSSÃO

O presente estudo é inédito no *campus* CPCE, da Universidade Federal do Piauí, tendo uma taxa de resposta, um pouco acima de 70%. A amostra estudada foi considerada representativa, o que proporcionou dados satisfatórios para analisar a prevalência e fatores associados à violência contra mulheres universitárias daquela instituição de ensino. Os achados deste estudo mostraram elevada prevalência de violência durante o curso (44,5%). Resultado semelhante foi encontrado por Zotareli *et al.* (2012), no estudo transversal com 2430 estudantes de uma universidade pública do Estado de São Paulo, revelando que 56,3% das alunas afirmaram ter sofrido algum tipo de violência desde seu ingresso na universidade.

Neste estudo, constatou-se que a violência psicológica foi a mais prevalente dentre as violências sofridas durante o curso. Porém, essas ocorrências podem ser ainda maiores, uma vez que muitas mulheres têm vergonha de informar que foram vítimas de violência ou muitas delas não reconhecem os atos como violência. Resultados similares também foram encontrados em estudo transversal, realizado em Vitória - ES, em 2014, onde foi achado prevalência psicológica (25,3%), física (9,9%) e sexual (5,7%) (LEITE *et al.*, 2017).

A sobreposição dos tipos de violência encontrada durante o curso revela que a violência contra mulheres universitárias acontece de forma associada a dois ou mais tipos de violência, sendo que a situação mais grave de violência durante o curso ocorreu em 2,5% dos casos, onde houve a associação das violências psicológica, física e sexual. Assim, a presença de violências múltiplas, também, parece ser uma situação muito grave, sendo isso constatado por Vieira *et al.*, (2013) e Silva *et al.*, (2015).

As universitárias, em alguns casos, podem sofrer violência, independentemente das condições socioeconômicas; cor da pele, curso de graduação, etc. Neste estudo, por exemplo, a violência durante o curso foi maior nas estudantes de cor branca. Isso ocorreu, provavelmente, pelo fato de que nem todas as estudantes estarem presentes no período da aplicação do questionário. Esse dado é discordante do estudo realizado por Viana *et al.* (2018), com dados coletados de 401 fichas de notificação de violência contra a mulher registradas no Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), na cidade de Petrolina em Pernambuco, onde a proporção de mulheres que sofreram

violência e se autodeclaram parda/preta foram a maioria (63%).

Ao analisar o local de ocorrência da violência durante o curso segundo o tipo, chama atenção o fato de que, apesar da violência ocorrer em diferentes locais, a universidade foi o local de maior ocorrência da violência no geral e violência psicológica. Dessa forma, os dados deste estudo confirmam que o ambiente universitário do *campus* Cinobelina Elvas, da UFPI, onde se deveria garantir um ambiente democrático, de equidade e paz está longe de ser livre de diferentes formas de violência. Resultado semelhante foi encontrado em estudo realizada por Zotareli et al., (2012), quando pesquisou a temática da violência contra mulheres em uma outra universidade pública no Brasil.

Já as violências físicas e sexuais durante o curso acontecem mais na residência. Pesquisa mundial realizada entre 2000 a 2003, incluindo o Brasil, mostrou que a violência contra a mulher acontece mais no espaço privado que nos espaços públicos e, geralmente, o parceiro íntimo é o principal agressor (GARCIA *et al.*, 2006).

Na sociedade brasileira contemporânea, a violência contra a mulher ocorre tanto nos espaços domésticos como, também, nos espaços públicos, onde há circulação de desconhecidos, abordagens violentas, importunações e constrangimentos (DUTRA *et al.*, 2017).

No Brasil, a violência contra a mulher ainda é, em muitos casos, oculta nos espaços domésticos, pois as mulheres, geralmente, sentem vergonha de expor a situação e possuem medo de denunciar os agressores (OLIVEIRA *et al.*, 2017). Além disso, para estes autores as principais causas de violência são o ciúme, a ingestão de bebida alcoólica e o uso de drogas.

Os agressores, na maioria das vezes, são pessoas do convívio da vítima, pois a convivência entre pessoas, com todas suas diferenças de opiniões e estilos de vida, em diversos aspectos, costuma gerar conflitos que podem levar à violência. Resultado similar foi encontrado em uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Datafolha (2019) com mulheres com 16 anos ou mais de 130 municípios do Brasil, onde verificou-se que pessoas conhecidas da vítimas foram os agressores mais frequentes (76,4%).

A ocorrência de violência em universitárias com menos de 25 anos foi maior que nas universitárias com idade igual ou maior que 25 anos. Isso indica que as mulheres mais jovens são mais vulneráveis a sofrerem violência. Estes dados

corroboram com outra pesquisa realizada em Porto Alegre com mulheres vítimas de violência notificadas pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação –Sinan, no período de 2009 e 2010, onde há um predomínio de vítimas jovens (FIGUEREDO et al., 2012). Para Valério (2019), isso acontece devido às pessoas mais jovens, geralmente, terem pouca experiência de vida e acabarem normatizando e sendo acometidas por ocorrências de violência.

Morar com os pais/parentes é um aspecto relevante na análise da violência contra mulheres universitárias. O *campus* Cinobelina Elvas recebe alunas de diversos estados do Brasil, sendo comum as estudantes residirem em Bom Jesus sem a companhia dos pais, recorrendo, por vezes, à moradia compartilhada com outras estudantes, como forma de reduzir os custos com moradia. Essa situação torna essas mulheres mais vulneráveis à violência. No estudo transversal realizado em 2008, com 2430 estudantes de graduação e pós-graduação de uma universidade de São Paulo, constatou-se também que estudantes que moravam com a família tinham menos possibilidades de sofrer violência sexual, pois com o apoio da família é mais fácil proteger as estudantes da violência (ZOTARELI et al., 2012).

Neste estudo, foi identificada elevada ocorrência de VPI entre as estudantes, sendo maior na violência do tipo psicológica seguido da violência física e da sexual. Esses achados apresentaram frequência menor de violência comparado com pesquisa feita por Schraiber et al., (2007) com 940 mulheres na cidade de São Paulo e 1188 mulheres de 15 municípios da Zona da Mata de Pernambuco, que tiveram parceria afetivo-sexual alguma vez na vida, revelando maior prevalência de VPI, respectivamente: violência psicológica (41,8% e 48,9%), física (27,2% e 33,7%) e sexual (10,1% e 14,3%).

A ocorrência de violência psicológica, física e/ou sexual, segundo Rosa et al., (2018) está relacionada escolaridade da vítima, ou seja, quanto mais alta a escolaridade, menor é a ocorrência de diversos tipos de violência. Assim, por esta pesquisa no CPCE ter como população do estudo estudantes universitárias, a taxa de violência nesse público foi menor que em outras pesquisas sobre violência contra mulheres, como a de Schraiber et al. (2007).

Existe uma sobreposição dos tipos de VPI, sendo a situação mais frequente a da violência física junto com a psicológica, seguida da violência psicológica com a violência sexual e pelas três formas juntas. Essas sobreposições mostram que geralmente acontece mais de um tipo de violência e que quanto maior é a

sobreposição de violência maior é a gravidade (Schraiber *et al.*, 2007).

A prevalência de violência física cometida por parceiro íntimo teve maior prevalência em estudantes que se declararam brancas. Resultado similar foi encontrado em Santa Catarina onde a maioria das mulheres que sofreram VPI foi de cor da pele branca (DELZIOVO *et al.*, 2017). Já a VPI do tipo sexual foi quase sete vezes mais prevalente entre as estudantes com 25 anos e mais de idade em relação às mais jovens. Nessa mesma perspectiva, estudo realizado no Piauí sobre o tema mostra que violência é mais comum entre mulheres de 20-29 anos (MADEIRO, 2019).

A ocorrência de VPI cometida por companheiros que bebiam duas ou três vezes por semana foi o dobro da frequência cometida por parceiros que não bebiam. O consumo de álcool pelo agressor é associado a prática de violência contra a mulher (HOLANDA *et al.*, 2018; LEITE *et al.*, 2019).

Nesta pesquisa, o local de maior ocorrência dos três tipos de VPI foi a residência. Estes dados revelam que o lar se torna o local mais inseguro para as mulheres vítimas de VPI, pois na residência é mais difícil para elas pedirem socorro e os agressores sentem-se mais a vontade para praticarem a violência, devido ao fato de não haver a presença de terceiros para ajudar a vítima a se defender. Desta forma, o lar pode ser, também, um lugar perigoso, quando deveria ser um espaço de acolhimento, respeito entre os familiares e seguro contra a violência, especialmente no caso de universitárias do campus Professora Cinobelina Elvas que, em grande parte, não moram com pai/mãe. Resultados similares também foram encontrados em estudo realizado em 25 capitais do Brasil, em 2014, onde a residência foi apontada como o principal local de ocorrência de violência por parceiro íntimo, com 69,6% no sexo feminino (GARCIA; SILVA, 2018).

Nesta pesquisa, as manifestações de violência durante o curso e violência por parceiro íntimo apresentam questionamentos de atos concretos relacionados aos três tipos de violência (Psicológica, física e a sexual), o que aumenta a oportunidade de resposta, melhorando a descoberta da violência. Além disso, as perguntas objetivas no questionário sobre os três tipos de violência permitiram clareza e boa comunicação nas respostas. Outro fato relevante para a pesquisa foi o anonimato do formulário de coleta de dados, permitindo maior confidencialidade das respostas, devido as estudantes ficarem mais a vontade para responder às perguntas, mesmo se tratando de um tema sensível como a violência contra mulheres.

As possíveis limitações dos resultados aconteceram devido a alguns questionários terem sido preenchidos de forma incompleta e a confiabilidade das informações serem limitadas pela capacidade das estudantes lembrarem fatos violentos que aconteceram e pelo receio em divulgar esses fatos vivenciados. Além disso, o estudo foi realizado apenas com as estudantes presentes no dia da aplicação do questionário, não havendo a reaplicação do questionário com as estudantes que não estavam presentes no dia da aplicação.

## 7 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo revelam alta prevalência de violência contra mulheres universitárias no CPCE/UFPI, em Bom Jesus, sul do Piauí, tanto de violência durante o curso como da VPI. A violência psicológica e física são as mais elevadas, tanto na VDC com na VPI.

A violência durante o curso e a VPI apresentaram associações às condições sociodemográficas das estudante do CPCE/UFPI. Estas associações podem ser úteis na busca de soluções para o enfrentamento e prevenção de todas as formas de violência contra mulheres nos espaços públicos e privados.

Grande parte dos/as companheiros/as das estudantes universitárias consumia bebidas alcoólicas de forma abusiva, que em determinadas situações impulsionam as agressões, sendo, com frequência, as referidas bebidas utilizadas pelos agressores para justificar os comportamentos violentos. Porém, é importante ressaltar que o álcool por si só não causa a violência.

O presente estudo contribui para análise da prevalência de violência contra mulheres universitárias, mas esta questão precisa ser mais discutida e aprofundada. Faz-se necessário aprofundar a abordagem sobre tema na universidade e em outros espaços públicos, buscando promover mudanças culturais que tragam igualdade de gênero e possibilite a resolução de conflito sem uso da violência, além de novos estudos e reflexões sobre os impactos dessa violência na vida pessoal e acadêmica das universitárias.

Diante do cenário apresentado, foi elaborado um e-book sobre Violência contra Mulheres Universitárias com informações gerais sobre violência, sua tipologia, local de ocorrência, os agressores e como a vítima deve proceder em caso de violência. Espera-se que essas informações se disseminem e pavimentem o caminho para diminuir a violência entre as estudantes universitárias, pois a informação é fundamental no combate à violência contra a mulher.

Além disso, é preciso que se criem outras estratégias de discussões desta problemática, como a criação cursos de formação continuada sobre violência contra a mulher para a comunidade universitária, para que todos saibam identificar casos de violência contra a mulher e onde procurarem ajuda, bem como estabelecer uma rede de atendimento à mulher vítima de violência em Bom Jesus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Violência contra mulheres nos espaços universitários. In: STEVENS, Cristina. *et al.* **Mulheres e violência: interseccionalidades**. Brasília: Technopolitik, p.384-399, 2017.

AUDI, Celene Aparecida Ferrari *et al.* Violência doméstica na gravidez: prevalência e fatores associados. **Revista de Saúde Pública** [online], Campinas, vol.42, n.5, p.877-885, 2008.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol.29, n.2, p.449-469, 2014.

BOZZO, Ana Clara Borborema *et al.* Violência doméstica contra a mulher: caracterização dos casos notificados em um município do interior paulista. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, vol.25, p.1-5, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2016.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 14 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha: cria mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, Brasília, 2006.

BRASIL. **Lei Nº 5.528, de 12 de novembro de 1968**. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Universidade Federal do Piauí e dá outras providências. Brasília, 12 de novembro de 1968.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466/2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: MS, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução Nº 510/2016** - Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais. Brasília: MS, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Violência contra mulher: o desafio de articulação da vigilância com a rede de atenção e proteção. In: Ministério da Saúde (MS). **Saúde Brasil 2015/2016: uma análise da situação de saúde e da epidemia pelo vírus Zika e por outras doenças transmitidas pelo Aedes aegypti**. Brasília: MS, p.133-155, 2017.

CAICEDO-ROA, Monica *et al.* Femicídios na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.35, n. 6, p.1-11, 2019.



CONCEIÇÃO, Thays Berger *et al.* Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisa realizadas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol.23, n.11, p.3597-3607, 2018.

DAHLBERG, Linda Lee.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol.11, supl. p.1163-1178, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/11/atlas-da-violencia-2019-05jun-versao-coletiva.pdf>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

DELZIOVO, Carmem Regina *et al.* Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, vol.33, n.6, p.1-13, 2017.

DUTRA, Lara Borges; MACHADO, Lúcia Dayana Lopes. A violência de gênero contra a mulher nos espaços públicos. **Revista Jurídica**/Ano 6, n.8, p.3-11, 2017.

FANTASIA, Heide Collins *et al.* Vida e experiências recentes de violência entre mulheres universitárias. **Journal of Forensic Nursing**, vol.14, n.4, p.190-197, 2018.

FIGUEIREDO, Márcia Caçado; CESAR, Melina de Oliveira; SILVA, Juliana Plegge da e BORBA, Elen Maria Bandeira. Prevalência de mulheres vítimas de violência no município de Porto Alegre e a influência de suas variáveis no âmbito odontológico. **Revista Odonto**, Passo Fundo, vol.17, n.3, p.254-260, 2012.

FLAKE, Tânia Aldrighi; BARROS, Claudia; SCHRAIBER, Lilia Blima. and MENEZES, Paulo Rossi. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. [online]. vol.16, n.4, 2013.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

GARCIA, Leila Posenato. A magnitude invisível da violência contra a mulher. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, vol. 25, n.3, p. 451-454, 2016.

GARCIA, Leila Posenato; SILVA, Gabriela Drummond Marques da. Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros, 2014. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.34, n.4, p.1-12, 2018.

GARCIA, Moreno Claudia; JANSEN, H A Ellsberg M; HEISE, L Watts CH. Prevalência de violência por parceiro íntimo: resultados do estudo de vários países da OMS sobre saúde da mulher e violência doméstica. **Lancet**, n.368, p.1260–1269, 2006.

GOMES, Talita Munick Vieira *et al.* Avaliação da interface dos diferentes tipos de violência provocada pelo parceiro íntimo contra a mulher. **Revista Médica de Minas Gerais**; 26 (Supl 8): p.62-67, 2016.

HOLANDA, Eliane Rolim de *et al.* Fatores associados à violência contra as mulheres na Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. Fortaleza, p.1-9, 2018.

INSTITUTO AVON, Violência contra a mulher no ambiente universitário. São Paulo: **Data Popular/Instituto Avon**, 2015. Disponível em: [http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon\\_V9\\_FINAL\\_Bx20151.pdf](http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf) Acesso em: 19 de dezembro de 2019.

KRUG, Etienne G. *et al.* **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Geneva, Organização Mundial de Saúde, 2002.

LEITE, Franciele Marabotti Costa; AMORIM, Maria Helena Costa; WEHRMEISTER, Fernando C; GIGANTE, Denise Petrucci. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, p.1-12, 2017.

LEITE, Franciéle Marabotti Costa *et al.* Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. **Revista Brasileira Epidemiologia**, p.1-14, 2019.

LIMA, Larissa Alves de Araújo *et al.* Marcos e dispositivos legais no combate à violência contra a mulher no Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, ser IV, n.11, p. 139-146, 2016.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de *et al.* Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **Jornal Hum Growth Dev**. São Paulo, p.139-146, 2016.

MADEIRO, Alberto; RUFINO, Andréa Cronemberger; SALES, Italo Costa; QUEIROZ, Luma Carvalho. Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. **Journal of Health & Biological Sciences**, vol.7, p.258-264, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], vol.11, p.1259-1267, 2006.

MOREIRA, Alexandro Martins; CECCARELLI, Paulo Roberto. Há múltiplas faces na violência por parceiro íntimo. **Revista Médica de Minas Gerais**, p.351-354, 2016.

OLIVEIRA, Janaina Barbos de *et al.* Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. **Revista Panamericana de Salud Pública**, p. 494-501, 2009.

OLIVEIRA, et. al. Violência doméstica e sexual contra a mulher: revisão integrativa. **HOLOS**, Ano33, vol.8, Natal, p.275-284, 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a mulher**. Convenção de Belém do Pará, 1994. Disponível em <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm> >. Acesso em: 03/05/2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014**. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo/FAPESO, 2015.

PORTO, Maria Laura; AMARAL, Waldemar Naves do. Violência sexual contra a mulher: Histórico e conduta. **Revista Femina**, vol.12, n.4, Goiânia - GO, p.209-215, 2014.

RAMALHO, Naiany Monise Gomes *et al.* Violência doméstica contra a mulher gestante. **Revista de Enfermagem UFPE** on line, Recife, p.4999-5008, 2017.

ROSA, Doriana Ozólio Alves et al. Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, vol.42, p.67-80, 2018.

SANTOS, Robério Gomes dos et al. Violência contra a mulher à partir das teorias de gênero. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, vol.13, n.44, p.97-117, 2019

SANTOS, Silvana Cavalcanti dos *et al.* Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade? **Saúde e Pesquisa**, Maringá, 2018, vol.11, n.2, p.359-368.

SCHRAIBER, Lilia Blima *et al.* **Ocorrência de casos de violência doméstica e sexual nos serviços de saúde em São Paulo e desenvolvimento de tecnologia de atendimento para o programa de saúde da mulher** [Relatório Final de Pesquisa]. São Paulo: Faculdade de Medicina da USP, 2003.

SCHRAIBER, Lilia Blima *et al.* Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2007, vol.41, n.5, p.797-807.

SCHRAIBER, Lilia Blima *et al.* Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. **Revista Saúde Pública**, vol.44, 2010, p.658-666.

SCHRAIBER, Lilia Blima *et al.* Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, vol.41, n.3, 2007, p.359-367

- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, p.1-121, 2001.
- SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciência Saúde Coletiva**, vol. 20, n. 11, 2015, pp.3523- 3532.
- SOUSA, Marília de Oliveira de and SIRELLI, Paula Martins. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**. 2018, n.132, p.326-345.
- STARK, Evan; FLITCRAFT, Anne. Spouse abuse. In: Rosemberg ML, Fenley MA, editores. **Violência na América: uma abordagem de saúde pública**. New York: Oxford University Press;1991, p.123-57.
- TAQUETTE, Stella R. Violência contra a mulher adolescente - revisão de estudos epidemiológicos brasileiros publicados entre 2006 e 2011. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, vol.12, n.1, p. 66-77, 2015.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Relatório de Gestão CPCE 2017**. Bom Jesus, 2018.
- VALÉRIO, Inaê Dutra. **Violência por parceiros íntimos entre universitários**. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.
- VELOSO, Caique; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Consumo de álcool e tabaco por mulheres e a ocorrência de violência por parceiro. **Texto Contexto Enfermagem** [Internet], Florianópolis, vol.28, p.1-17, 2019.
- VIANA, Aline Lopes et al. Violência contra a mulher. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife vol.12, p.923-929, 2018.
- VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza *et al.* Fatores associados à sobreposição de tipos de violência contra a mulher notificada em serviços sentinela. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, vol.21, n.4, p.1-8, 2013.
- ZOTARELI, Vilma. et al. Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade brasileira. **Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil**, vol.12, p.37-46, 2012.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Questionário para coleta de dados



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA MULHER**

### PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Formulário N° \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### Aspectos Acadêmicos e Sociodemográficos

V01. Você está matriculada em qual curso de graduação?

- 1-Engenharia Agrônômica
- 2-Engenharia Florestal
- 3-Licenciatura em Ciências Biológicas
- 4-Medicina Veterinária
- 5-Zootecnia

V02. Você está cursando qual bloco (período) do curso de graduação? [    ]

V03. Qual o turno de suas aulas? (Pode assinalar mais de uma opção abaixo)

- 1-Manhã (V03.1)
- 2-Tarde (V03.2)
- 3-Noite (V03.3)

V04. Qual é a sua idade hoje? [    ] anos

V05. Qual é a cor de sua pele?

- 1-Branca
- 2-Preta
- 3-Amarela
- 4-Parda
- 5-Indígena

V06. Você mora com seu pai ou sua mãe?

- 1-Sim [    ] 2-Não

V07. Você exerce alguma atividade (trabalho/ocupação) remunerada?

- 1-Sim [    ] 2-Não

V08. Qual a sua renda mensal, em reais? [        ] (Deixar em branco se marcou “2-Não” na pergunta V07).

V09. Qual a renda mensal de sua família, incluindo a sua, em reais? [        ]

V10. Qual a sua situação afetiva ou conjugal atual?

- 1-Solteira
- 2-Casada
- 3-Namorando
- 4-Vivendo com um(a) companheiro(a)
- 5-Tem companheiro(a) com relação sexual e não vivem junto(a)s

V11. Qual é a idade de seu(sua) companheiro(a) atual? [ ] anos (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

V12. Qual é o sexo de seu(sua) companheiro(a) atual? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Masculino

[ ] 2-Feminino

V13. Qual é a escolaridade de seu(sua) companheiro(a) atual? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Analfabeto(a)

[ ] 2-Ensino Fundamental incompleto

[ ] 3-Ensino Fundamental completo

[ ] 4-Ensino Médio incompleto

[ ] 5-Ensino Médio completo

[ ] 6-Superior incompleto

[ ] 7-Superior completo

V14. Seu(sua) companheiro(a) exerce alguma atividade (trabalho) remunerada? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V15. Seu(sua) companheiro(a) estuda na mesma universidade que você? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V16. Seu(sua) companheiro(a) faz uso de bebida alcoólica? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Não bebe nunca

[ ] 2-Uma vez por semana

[ ] 3-Duas a três vezes por semana

[ ] 4-Mais de três vezes por semana

V17. Em geral, no dia que seu(sua) companheira bebe, quantas doses de bebida alcoólica ele(a) consome? (*1 dose de bebida alcoólica equivale a 1 lata de cerveja, 1 taça de vinho ou 1 dose de cachaça, whisky ou qualquer outra bebida alcoólica destilada*) (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] dose(s)

V18. Seu(sua) companheiro(a) faz uso de drogas ilícitas? (Deixar em branco se marcou "1-Solteira" na pergunta V10)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

**Considerando o(a) parceiro(a) atual, responda às perguntas V19 a V37 e depois as perguntas V38 a V59.**

**Caso não tenha parceiro(a) atual, responda somente as perguntas V38 a V59.**

**Aspectos psicológicos**

V19. Seu(sua) parceiro(a) atual alguma vez insultou você ou fez com que você se sentisse mal?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V20. Seu(sua) parceiro(a) atual depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V21. Seu(sua) parceiro(a) atual fez algo para assustar ou intimidar você de propósito?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V22. Seu(sua) parceiro(a) atual ameaçou machucar você?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V23. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V19 a V22)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V24. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V19 a V22)

[ ] 1-Residência [ ] 2-Universidade [ ] 3-Trabalho [ ] 4-Via pública [ ] 5-Bar ou similar [ ] 6-Outro

#### **Aspectos físicos**

V25. Seu(sua) parceiro(a) atual deu-lhe um tapa ou jogou algo que poderia machucar você?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V26. Seu(sua) parceiro(a) atual empurrou você ou deu-lhe um tranco/chacoalhão?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V27. Seu(sua) parceiro(a) atual machucou você com um soco ou algum objeto?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V28. Seu(sua) parceiro(a) atual deu um chute, arrastou ou surrou você?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V29. Seu(sua) parceiro(a) atual estrangulou ou queimou você de propósito?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V30. Seu(sua) parceiro(a) atual ameaçou usar ou usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma de fogo contra você?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V31. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V25 a V30)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V32. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V25 a V30)

[ ] 1-Residência [ ] 2-Universidade [ ] 3-Trabalho [ ] 4-Via pública [ ] 5-Bar ou similar [ ] 6-Outro

#### **Aspectos sexuais**

V33. Seu(sua) parceiro(a) atual forçou-lhe fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V34. Você teve relações por causa de ameaças do que seu(sua) parceiro(a) atual pudesse fazer?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V35. Seu(sua) parceiro(a) atual forçou você à prática sexual humilhante ou degradante?

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V36. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V33 a V35)

[ ] 1-Sim [ ] 2-Não

V37. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V35 a V37)

[ ] 1-Residência [ ] 2-Universidade [ ] 3-Trabalho [ ] 4-Via pública [ ] 5-Bar ou similar [ ] 6-Outro



**Sem considerar o(a) parceiro (a) atual, responda as perguntas V38 a V59.**

**Aspectos psicológicos**

V38. Desde o seu ingresso na universidade, alguém alguma vez insultou você ou fez com que você se sentisse mal?

1-Sim  2-Não

V39. Desde o seu ingresso na universidade, alguém depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas?

1-Sim  2-Não

V40. Desde o seu ingresso na universidade, alguém fez algo para assustar ou intimidar você de propósito?

1-Sim  2-Não

V41. Desde o seu ingresso na universidade, alguém ameaçou machucar você?

1-Sim  2-Não

V42. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou "2-Não" nas perguntas V38 a V41)

1-Sim  2-Não

V43. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou "2-Não" nas perguntas V38 a V41)

1-Residência  2-Universidade  3-Trabalho  4-Via pública  5-Bar ou similar  6-Outro

V44. Quem cometeu algum desses fatos? (Deixar em branco se marcou "2-Não" nas perguntas V38 a V41)

1-Ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-namorado(a)

2-Pai/padrasto

3-Mãe/madrasta

4-Outro parente

5-Amigos/conhecidos

6-Desconhecidos

**Aspectos físicos**

V45. Desde o seu ingresso na universidade, alguém deu-lhe um tapa ou jogou algo que poderia machucar você?

1-Sim  2-Não

V46. Desde o seu ingresso na universidade, alguém empurrou você ou deu-lhe um tranco/chacoalhão?

1-Sim  2-Não

V47. Desde o seu ingresso na universidade, alguém machucou você com um soco ou algum objeto?

1-Sim  2-Não

V48. Desde o seu ingresso na universidade, alguém deu um chute, arrastou ou surrou você?

1-Sim  2-Não

V49. Desde o seu ingresso na universidade, alguém estrangulou ou queimou você de propósito?

1-Sim  2-Não

V50. Desde o seu ingresso na universidade, alguém ameaçou usar ou usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma de fogo contra você?

1-Sim  2-Não

V51. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou "2-Não" nas perguntas V45 a V50)

1-Sim  2-Não

V52. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V45 a V50)

1-Residência  2-Universidade  3-Trabalho  4-Via pública  5-Bar ou similar  6-Outro

V53. Quem cometeu algum desses fatos? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V45 a V50)

1-Ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-namorado(a)  
 2-Pai/padrasto  
 3-Mãe/madrasta  
 4-Outro parente  
 5-Amigos/conhecidos  
 6-Desconhecidos

### **Aspectos sexuais**

V54. Desde o seu ingresso na universidade, alguém forçou-lhe fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria?

1-Sim  2-Não

V55. Desde o seu ingresso na universidade, você teve relações por causa de ameaças do que alguém pudesse fazer?

1-Sim  2-Não

V56. Desde o seu ingresso na universidade, alguém forçou você à prática sexual humilhante ou degradante?

1-Sim  2-Não

V57. Você estava grávida quando algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V54 a V56)

1-Sim  2-Não

V58. Onde algum desses fatos ocorreu? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V54 a V56)

1-Residência  2-Universidade  3-Trabalho  4-Via pública  5-Bar ou similar  6-Outro

V59. Quem cometeu algum desses fatos? (Deixar em branco se marcou “2-Não” nas perguntas V54 a V56)

1- Ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-namorado(a)  
 2-Pai/padrasto  
 3-Mãe/madrasta  
 4-Outro parente  
 5-Amigos/conhecidos  
 6-Desconhecidos

## APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA MULHER**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada estudante:

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa intitulada: **“Prevalência de violência contra a mulher entre estudantes universitárias”**. Você decide se quer participar ou não. No entanto, sua participação é um ato de cidadania, visto que a sociedade ganha com os resultados da pesquisa divulgados para os gestores da área de educação e da saúde.

Após você ser esclarecida sobre sua participação na pesquisa e, caso aceite, assine a última página e rubrique a anterior deste documento, o qual será igualmente assinado e rubricado pelo pesquisador responsável, em duas vias, sendo uma entregue a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa, você (participante) não será penalizada de forma alguma. Também informamos que, a qualquer momento, você terá o direito de retirar o seu consentimento de participação na pesquisa, mesmo na sua etapa final, sem nenhum ônus ou prejuízos. Você não será identificada em nenhuma etapa da pesquisa. As informações são sigilosas, somente os pesquisadores terão acesso a elas.

Sua participação neste estudo é voluntária, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

**Objetivo do estudo:** Analisar a prevalência e fatores associados à violência contra a mulher entre estudantes universitárias.

**Justificativa:** A violência contra a mulher ainda é evidente e frequente mas, muitas vezes, permanece ainda abafada na intimidade familiar ou mesmo nos espaços públicos, não chegando ao conhecimento das autoridades instituídas legalmente para combater tais crimes. Assim, surgiu este projeto que busca analisar a prevalência e fatores associados à violência contra a mulher entre estudantes universitárias.

**Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder ao questionário que aborda as questões de interesse. O questionário é anônimo, não traz dados que permitam identificar quem o responderá. Após o seu preenchimento, o questionário será depositado em um envelope, pela própria respondente, ainda em sala de aula.

**Benefícios:** Essa pesquisa não trará benefício pessoal imediato, mas oferecerá maior conhecimento sobre o tema abordado e espera-se com este trabalho aumentar as informações sobre a violência contra a mulher entre as estudantes universitárias. As estudantes participantes receberão um material informativo com orientações sobre os tipos de violência e sobre os serviços existentes para mulheres em situação de violência no município de Bom Jesus-PI.

**Riscos:** A sua participação na pesquisa não trará riscos de ordem física, mas pode apresentar riscos psicológicos, isto é, algumas perguntas de ordem pessoal podem trazer certo desconforto, a participante pode sentir-se abalada emocionalmente, constrangida e ter memórias negativas reavivadas. Alguma das participantes pode no momento do preenchimento do questionário lembrar de algum episódio de violência vivenciado por ela. Os riscos serão contornados com encaminhamento, quando necessário, ao Núcleo de Assistência Estudantil (NAE), que fica localizado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus Prof<sup>a</sup> Cinobelina Elvas*. As perguntas serão utilizadas apenas no âmbito da pesquisa. Informamos também que em qualquer etapa do estudo, se necessitar esclarecer dúvidas ou receber qualquer outra informação, você terá garantia de acesso ao profissional responsável pelo estudo: Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas, o qual trabalha na Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, da Universidade Federal do Piauí. Telefone para contato: (86) 3215-4647. Endereço para correspondência: Avenida Frei Serafim, 2280 - Teresina, PI. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI pode ser contatado em caso de dúvidas, pelo telefone (86)3237-2332, pelo fax

(86)3237-2332, pelo e-mail [cep.ufpi@ufpi.edu.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.edu.br) e pelo endereço *campus* Universitário Ministro Petrônio Portela – Pró-Reitoria de Pesquisa, Ininga, CEP 64049-550, em Teresina-PI.

**Sigilo:** As informações fornecidas pelas participantes têm privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Você não será identificada em nenhum momento, e ainda quando divulgados os resultados, será impossível para o leitor identificar quem respondeu.

### Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG/CPF \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa intitulada **“Prevalência de violência contra a mulher entre estudantes universitárias”**, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente na participação deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Telefones para contato:

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ (Anotar os números)

Autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo para pesquisas posteriores em continuidade à atual.

Não autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo para pesquisas posteriores em continuidade à atual, mas sei que pode ser necessário o contato posterior para esclarecimento de alguma questão da pesquisa atual.

Bom Jesus-PI, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

### Assinatura da participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Bom Jesus-PI, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

### Assinatura do pesquisador responsável

## APÊNDICE C – E-book produto da dissertação de mestrado



### AUTORES

#### Maria José Castro Diógenes

Mestre em Saúde da Mulher pela Universidade Federal do Piauí (2020); Especialista em Gestão em Saúde (2011) e Gestão Pública (2015); Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí (2009); Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí (2006) e Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Piauí (2010). Atualmente exerce a função de Assistente Social da Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Campus Prof.ª Cinobelina Elvas (CPE) e da Secretaria Estadual de Saúde do Piauí (SESAPI) lotada no Hospital Regional Manoel de Sousa Santos (HRMSS).

#### Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas

Professor do Departamento de Medicina Comunitária e Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí. Doutor em Ciências Médicas (Unicamp), Mestre em Ciências e Saúde (UFPI), Especialista em Epidemiologia (UFG), Saúde Pública (UFPI) e Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde (ENSP/FICCRUZ). Participou do Programa de Treinamento em Epidemiologia Aplicada aos Serviços do SUS-EPISUS (Ministério da Saúde e CDC de Atlanta/EUA), Graduado em Enfermagem (UFPI). Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Epidemiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: epidemiologia, sistemas de informação em saúde, vigilância epidemiológica, doenças transmissíveis, doenças e agravos não transmissíveis, causas externas.



### VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Maria José Castro Diógenes  
Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas

Bom Jesus  
2020



Universidade Federal do Piauí

#### REITOR

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

#### VICE-REITORA

Prof.ª Dr.ª Nadir do Nascimento Nogueira

#### PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS

Prof.ª Dr.ª Adriana de Azevedo Paiva

#### COORDENADOR DO MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA MULHER

Prof. Dr. Luiz Ayrton Santos Junior

#### COORDENADORA ADJUNTA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA MULHER

Prof.ª Dr.ª Lis Cardoso Marinho Medeiros

#### DIRETOR DO CAMPUS PROF.ª CINOBELINA ELVAS

Prof. Dr. Stélio Bezerra Pinheiro de Lima

#### COORDENADORA DO NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Ma. Maria José Castro Diógenes

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jernaldino Castro Castelo Branco  
Serviço de Processamento Técnico

0201v Diógenes, Maria José Castro.  
Violência contra mulheres universitárias / Maria José Castro Diógenes, Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas. – Bom Jesus: UFP, 2020.  
29 p.

ISBN 978-65-00-07644-0

1. Mulheres universitárias. 2. Universidade.  
3. Violência. I. Mascarenhas, Márcio Dênis Medeiros.  
II. Título.

CCO 362.86

## SUMÁRIO

Apresentação.....	5
1 Violência contra a mulher.....	6
2 Tipos de violência contra a mulher.....	6
3 Violência contra mulheres universitárias em Bom Jesus –PI.....	9
4 Violência por parceiro íntimo – VPI.....	12
5 Faça o teste e veja se você está correndo risco de violência por parceiro íntimo.....	15
6 Como proceder em caso de violência contra a mulher.....	17
7 Violência contra mulheres na universidade federal do Piauí/Campus Professora Cinobelina Elvas -CPCE.....	19
Referências.....	20

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação contém informações gerais sobre a violência contra as mulheres universitárias, a tipologia, local de ocorrência e os agressores. Além disso, destaca a violência por parceiro íntimo e fornece orientações gerais para o enfrentamento a situações de violência contra a mulher.

Os dados apresentados são oriundos de uma pesquisa realizada com 458 universitárias dos cinco cursos regulares de graduação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), em Bom Jesus, Piauí. Os dados foram coletados por meio de questionários adaptados da pesquisa Estudo Multi-Países sobre Saúde da Mulher e Violência Doméstica da Organização Mundial da Saúde (OMS), com amostra censitária, durante o desenvolvimento da dissertação de mestrado em Saúde da Mulher, de autoria da assistente social Maria José Castro Diógenes, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas, da UFPI.

Esperamos que as informações contidas neste informativo se disseminem e pavimentem o caminho para diminuir a violência entre as estudantes universitárias, pois a informação é fundamental no combate à violência contra a mulher.

**Maria José Castro Diógenes**  
Mestra em Saúde da Mulher

**Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas**  
Departamento de Medicina Comunitária–UFPI  
Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher–UFPI

## 1 Violência contra a mulher

Violência contra a mulher é todo ato baseado no gênero que resulte ou tenha probabilidade de resultar em dano físico, sexual ou mental à mulher, tanto na esfera pública como privada (OMS, 2015).

A violência contra a mulher atinge indistintamente mulheres de todas as classes sociais, raças e etnias, religiões e culturas.



## 2 Tipos de violência contra a mulher

**Violência psicológica** é qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006).



**Violência física** é compreendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal. Ocorre quando uma pessoa causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Segundo concepções mais recentes, o

castigo repetido, não severo, também se considera violência física (BRASIL, 2002; 2006).

Ela pode se manifestar de várias maneiras: tapas; empurrões; socos; mordidas; chutes; queimaduras; cortes; estrangulamento; lesões por armas ou objetos; obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimentos; tirar de casa à força; amarrar; arrastar; arrancar a roupa; abandonar em lugares desconhecidos; danos à integridade corporal decorrentes de negligência (omissão de cuidados e proteção contra agravos evitáveis como situações de perigo, doenças, gravidez, alimentação, higiene, entre outros) (BRASIL, 2002).



**Violência sexual** é entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2006).



A violência sexual engloba as carícias não desejadas; penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos de forma forçada; exposição obrigatória à material

pornográfico; exibicionismo e masturbação forçados; uso de linguagem erotizada, em situação inadequada; impedimento ao uso de qualquer método contraceptivo ou negação por parte do parceiro(a) em utilizar preservativo; ser forçado(a) a ter ou presenciar relações sexuais com outras pessoas, além do casal (BRASIL, 2002).

### 3 Violência contra mulheres universitárias em Bom Jesus - PI

Foram entrevistadas 458 universitárias. A maioria das estudantes eram do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (29,3%), 84,3% se declararam negras e 83,1% tinham menos de 25 anos (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Distribuição das universitárias entrevistadas segundo curso de graduação, UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



Figura 2. Distribuição das universitárias entrevistadas segundo cor da pele e idade, UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



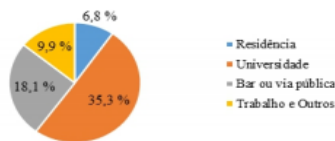
Os tipos de violência mais relatados foram: psicológica, física e sexual, conforme descrito na Figura 3.

Figura 3. Tipos de violência referidos entre as estudantes da UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



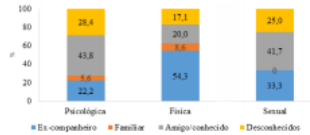
A universidade foi o local de ocorrência de violência mais relatado (35,3%), seguido por bar ou via pública (18,1%) (Figura 4).

Figura 4. Local de ocorrência da violência referidos entre as estudantes da UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



Entre as vítimas de violência psicológica e sexual, o principal agressor era um amigo/conhecido (43,8% e 41,7%), enquanto o ex-companheiro (54,3%) foi o agressor mais referido entre as vítimas de violência física (Figura 5).

Figura 5. Agressores segundo os tipos de violência referidos entre as estudantes da UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.





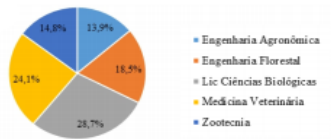
#### 4 Violência por parceiro íntimo (VPI)

A violência por parceiro íntimo (VPI) é o comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico aos integrantes desse relacionamento (OMS, 2015). Considerou-se, no presente trabalho, a VPI como a violência física, sexual e psicológica realizada pelo parceiro atual.

Das 216 estudantes que informaram ter parceiro íntimo no momento da pesquisa, 57 (26,4%) sofreram algum tipo de violência causada pelo parceiro íntimo atual.

A maioria das estudantes que tinha parceiro íntimo era do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (28,7%), seguida das estudantes de Medicina Veterinária (24,1%) (Figura 6).

**Figura 6.** Distribuição das universitárias entrevistadas, com parceiro, segundo curso de graduação, UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



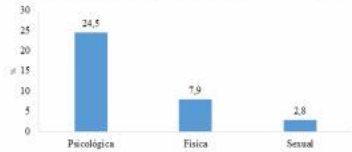
A maioria das estudantes se declaram negras (82,3%) e 77,6% tinha menos de 25 anos (Figura 7).

**Figura 7.** Distribuição das universitárias entrevistadas com parceiro íntimo segundo cor da pele e idade, UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



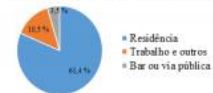
Os tipos de violência por parceiro íntimo (VPI) mais relatados foram: psicológica, física e sexual (Figura 8).

**Figura 8.** Tipos de VPI referidos entre as estudantes com parceiro íntimo da UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



A residência (61,4%) foi o local de ocorrência da VPI, seguido do trabalho e outros (10,5%) (Figura 9).

**Figura 9.** Local de ocorrência da VPI referidos entre as estudantes da UFPI/CPCE, Bom Jesus, Piauí, 2019.



**Grande parte das estudantes universitárias não buscam auxílio profissional em casos de violência, pois não os reconhecem como tais. Violência contra a mulher é um problema invisível pela baixa notificação, mas que ocorre com frequência.**

#### 5 Faça o teste e veja se você está correndo risco de violência por parceiro íntimo

##### Teste para Identificação de Situação de Violência por Parceiro Íntimo (OMS, 2000)

##### Responda às perguntas abaixo se você atualmente está em um relacionamento íntimo (namorando, ficando ou morando junto)

1. [ ] Ele(a) alguma vez insultou você ou fez com que você se sentisse mal?
2. [ ] Ele(a) depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas?
3. [ ] Ele(a) fez algo para assustar ou intimidar você de propósito?
4. [ ] Ele(a) ameaçou machucar você?
5. [ ] Ele(a) deu-lhe um tapa ou jogou algo que poderia machucar você?
6. [ ] Ele(a) empurrou você ou deu-lhe um tranco/chacoalhão?
7. [ ] Ele(a) machucou você com um soco ou algum objeto?
8. [ ] Ele(a) deu um chute, arrastou ou surrou você?
9. [ ] Ele(a) estrangulou ou queimou você de propósito?





10. [ ] Ele(a) forçou você à prática sexual humilhante ou degradante?
11. [ ] Ele(a) ameaçou usar ou usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você?
12. [ ] Ele(a) forçou-lhe fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria?
13. [ ] Você teve relações por causa de ameaças do que alguém pudesse fazer?

**Se você respondeu SIM a pelo menos uma das perguntas, procure um serviço de atendimento às mulheres, pois você pode estar sendo vítima de violência por parceiro íntimo.**



- **Para assessorar, assistir, apoiar, articular e acompanhar ações, programas e projetos voltados à mulher:** Coordenadoria Municipal de Política para as mulheres, Avenida Getúlio Vargas, 462 – Centro – Bom Jesus – PI.



#### 6 Como proceder em caso de violência contra mulher

- **Se for emergência:** Hospital Regional Manoel de Sousa Santos, Av. Dr. Raimundo Santos – Centro – Bom Jesus – PI, Telefone: (89)3562-1192.
- **Se não for emergência:** Unidades Básicas de Saúde.
- **Se for uma situação de perigo:** Disque 190 (Polícia Militar) ou 180 (Central de Atendimento à Mulher).
- **Para registro de Boletim de Ocorrência – BO:** Delegacia da Polícia Civil, Endereço: Penitenciária – Bom Jesus - PI Telefone: (89) 3562-1223.
- **Exame de Corpo de Delito:** Para realizar exame de corpo de delito (Comprovação dos ferimentos), você precisará de uma requisição expedida pela Delegacia de Polícia. Se for um atendimento emergencial, a pessoa que sofreu violência permaneça do jeito que está. As roupas são importantes provas para ajudar a identificar o agressor, pois podem trazer vestígios como cabelo, sangue e esperma.
- **Se for vítima de violência sexual nas últimas 72 horas:** Atendimento médico especializado para proteger de infecções sexualmente transmissíveis e evitar uma gravidez não desejada.
- **Para atendimento psicossocial e jurídico à mulher em situação de violência:** Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, Rua Projetada, nº 61 – Bairro: São Pedro.



#### 7 Violência contra mulheres na Universidade Federal do Piauí/Campus Professora Cinobelina Elvas—CPCE

As mulheres, vítimas de violência na UFPI/CPCE, devem fazer uma denúncia formal à Ouvidoria Geral da UFPI (Telefone: 86-3237-2104) e à direção do campus (Telefone:89-3562-1505). Caso a violência ocorra fora da universidade, deve-se procurar a polícia.

Na UFPI/CPCE existe procedimento administrativo disciplinar e sindicância para averiguar as irregularidades cometidas e punir os responsáveis, caso sejam servidores ou estudantes.

Após a sindicância e o processo administrativo, caso seja possível comprovar a autoria de atos cometidos contra as mulheres, resguardado o direito de defesa do acusado, as penas aplicadas podem ser:

- **Se cometida por estudante:** advertência verbal, repreensão por escrito, suspensão, expulsão.
- **Se cometida por servidor:** advertência, repreensão, suspensão, demissão.

O Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), possui o Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) que presta suporte e orientações às universitárias vítimas de violência contra a mulher.



## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de políticas de saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para a prática em serviço, Cadernos de Atenção Básica nº8 – Série A, Normas e Manuais Técnicos; nº131, Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Estudo multi-paises sobre saúde da mulher e violência doméstica**. São Paulo, 2000.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Relatório Mundial sobre a prevenção da violência 2014**. São Paulo, 2015.



**ANEXOS**

## ANEXO A – Autorização institucional



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
DIREÇÃO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF.  
CINOBELINA ELVAS

Av. Manoel Gracindo, km 01 - Planalto Horizonte - 64900-000 - Bom Jesus - PI  
Homepage: www.ufpi.br/bomjesus - E-mail: direcao@ufpi.edu.br Fone: (89)3562-1505



### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

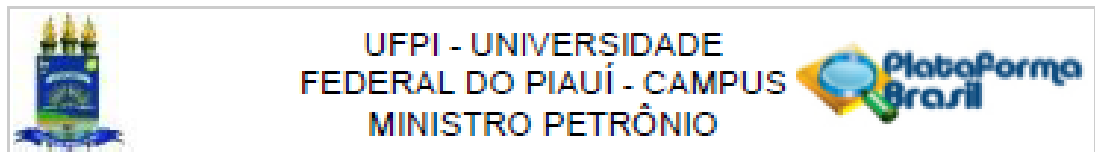
Eu, Prof. Dr. Stélio Bezerra Pinheiro de Lima, diretor do Campus Universitário Professora Cinobelina Elvas, tenho ciência e autorizo a realização de pesquisa científica intitulada **“PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS”**, sob responsabilidade do pesquisador Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas, a qual será executada em consonância com as Normas e Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial, a Resolução CNS 466/2012 e 510/2016. Declaro estar ciente de que a instituição proponente é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e executada pelos seus pesquisadores e dispõe de infraestrutura necessária para garantir o resguardo e o bem-estar dos sujeitos da pesquisa.

Bom Jesus -PI, 16 de novembro de 2018.

Prof. Dr. Stélio Bezerra Pinheiro de Lima  
Diretor do Campus “Profª Cinobelina Elvas”

Stélio Bezerra P. de Lima  
Diretor do Campus “Profª Cinobelina Elvas”

## ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Prevalência de violência contra a mulher entre estudantes universitárias

**Pesquisador:** MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 03750818.1.0000.5214

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.131.039

#### Apresentação do Projeto:

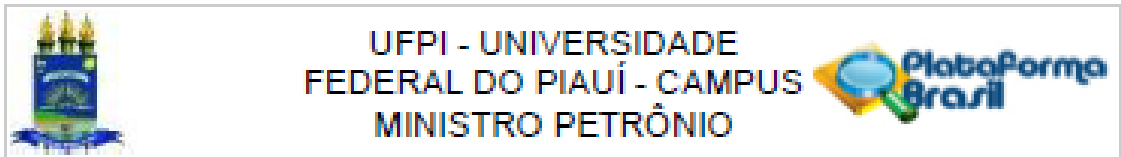
Estudo transversal do tipo Inquérito onde será analisado a prevalência e fatores associados a violência contra a mulher em estudantes universitárias. Esta pesquisa será realizada no campus Professora Cinobelina Elvas da UFPI que fica localizado na cidade de Bom Jesus, a 634 Km da capital do Estado. A coleta de dados será no período de março a maio de 2019. A violência contra a mulher entre estudantes universitárias ocorre tanto nos espaços domésticos como, também, nos espaços públicos e tem impacto direto na saúde da estudante. Tem objetivo de analisar a prevalência e fatores associados à violência contra a mulher entre estudantes universitárias. Trata-se de um estudo transversal analítico que será realizado com 50% das estudantes matriculadas no período de 2019.1, na Universidade Federal do Piauí-UFPI, campus Professora Cinobelina Elvas-CPCE. Os dados serão coletados por meio do questionário da pesquisa Estudo Multi-Países sobre Saúde da Mulher e Violência doméstica da Organização Mundial da Saúde. Como resultados esperados: Identificar o perfil socioeconômico e demográfico das estudantes universitárias; constatar quais os tipos de violência (física, psicológica e sexual) contra a mulher mais prevalente entre as estudantes pesquisadas e verificar os diversos fatores associados à prevalência de violência contra a mulher entre as universitárias.

#### Objetivo da Pesquisa:

##### Objetivo Primário:

Analisar a prevalência e fatores associados a violência contra a mulher entre estudantes

**Endereço:** Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
**Bairro:** Ininga **CEP:** 64.040-550  
**UF:** PI **Município:** TERESINA  
**Telefone:** (88)3237-2332 **Fax:** (88)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 3.131.039

universitárias

**Objetivo Secundário:**

Caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico da população do estudo; Calcular a prevalência dos diferentes tipos de violência (física, psicológica e sexual) contra a mulher entre as estudantes pesquisadas; Identificar os fatores associados à prevalência de violência contra a mulher entre estudantes universitárias.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo o TCLE: A sua participação na pesquisa não trará riscos de ordem física, mas pode apresentar riscos psicológicos. Isto é, algumas perguntas de ordem pessoal podem trazer certo desconforto, a participante pode sentir-se abalada emocionalmente, constrangida e ter memórias negativas reavivadas. Alguma das participantes pode no momento do preenchimento do questionário lembrar de algum episódio de violência vivenciado por ela. Os riscos serão contornados com encaminhamento, quando necessário, ao Serviço de Apoio Psicológico do Núcleo de Assistência Estudantil (NAE), que fica localizado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Profª Cinobelina Elvas (CPCE). As perguntas serão utilizadas apenas no âmbito da pesquisa. Informamos também que em qualquer etapa do estudo, se necessitar esclarecer dúvidas ou receber qualquer outra informação, você terá garantia de acesso ao profissional responsável pelo estudo.

**Benefícios:**

Essa pesquisa não trará benefício pessoal imediato, mas oferecerá maior conhecimento sobre o tema abordado e espera-se que com este trabalho aumentar as informações das estudantes universitárias sobre a violência contra a mulher. As estudantes participantes receberam um material informativo com orientações sobre os tipos de violência e sobre os serviços existentes no município de Bom Jesus, para mulheres em situação de violência.

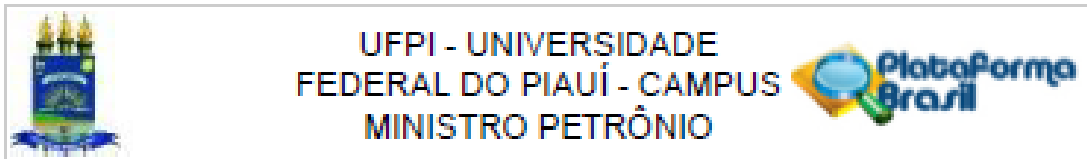
**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa sobre a violência à mulher na âmbito da universidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória estão anexados no protocolo de pesquisa, o TCLE foi revisado.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550  
 UF: PI Município: TERESINA  
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 3.131.039

**Recomendações:**

Sem recomendação.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

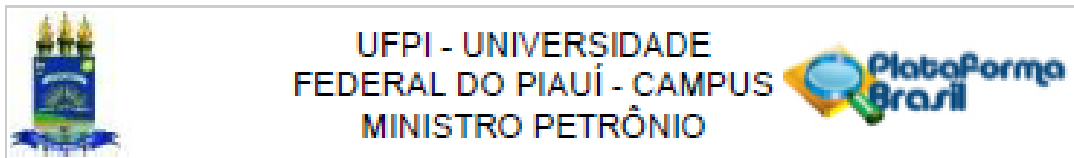
O protocolo de pesquisa encontra-se de acordo com a Resolução 466/2012, apto para ser desenvolvido tem parecer de aprovado.

Solicita-se que seja enviado ao CEP/UFPI/CMPP o relatório parcial e o relatório final desta pesquisa. Os modelos encontram-se disponíveis no site: <http://leg.ufpi.br/cep/index/pagina/id/461>.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1259570.pdf	17/12/2018 10:18:55		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_rev.pdf	17/12/2018 09:37:27	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	30/11/2018 09:42:04	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto
Outros	questionario.pdf	30/11/2018 09:41:06	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	30/11/2018 09:39:25	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto
Outros	Curriculo.pdf	30/11/2018 09:38:19	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto
Outros	Carta_de_Encaminhamento.pdf	29/11/2018 11:03:54	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Acelto

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
 Bairro: Ininga CEP: 64.040-550  
 UF: PI Município: TERESINA  
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 3.131.039

Orçamento	ORCAMENTO.pdf	29/11/2018 11:01:07	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao.pdf	29/11/2018 10:58:39	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_Instituicao.pdf	29/11/2018 10:54:04	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	29/11/2018 09:48:57	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	29/11/2018 00:31:53	MARCIO DENIS MEDEIROS MASCARENHAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 04 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

María do Socorro Ferreira dos Santos  
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
Bairro: Ininga CEP: 64.040-550  
UF: PI Município: TERESINA  
Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br